

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO**

Anelise Angeli De Carli

**IMAGINÁRIO, VALORES-NOTÍCIA  
E REDAÇÃO JORNALÍSTICA**  
**As imagens evocadas pelas matérias de capa de Zero Hora**

Porto Alegre – RS

2012

Anelise Angeli De Carli

**IMAGINÁRIO, VALORES-NOTÍCIA  
E REDAÇÃO JORNALÍSTICA**

**As imagens evocadas pelas matérias de capa de Zero Hora**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – habilitação Jornalismo

Orientadora: Profª Drª Ana Taís Martins Portanova Barros

Porto Alegre – RS

2012

Anelise Angeli De Carli

**IMAGINÁRIO, VALORES-NOTÍCIA  
E REDAÇÃO JORNALÍSTICA**

**As imagens evocadas pelas matérias de capa de Zero Hora**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – habilitação Jornalismo

Data de aprovação: 28 de junho de 2012

Banca examinadora:

---

Profª Drª Ana Taís Martins Portanova Barros (orientadora)  
UFRGS

---

Profª Drª Marcia Benetti Machado  
UFRGS

---

Profª Drª Virgínia Pradelina da Silveira Fonseca  
UFRGS

## **AGRADECIMENTOS**

Eternizo nesta forma escrita minha gratidão a todos os encontros que as sincronicidades da vida me ofereceram durante o processo de elaboração deste trabalho que, na verdade, é resultado de toda a minha trajetória na etapa da graduação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Obrigada à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Taís Martins Portanova Barros pela orientação encorajadora, que permitiu total liberdade nas intenções desse trabalho, e pela confiança carinhosa.

Obrigada à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marcia Benetti Machado e à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Virgínia Pradelina da Silveira Fonseca, examinadoras da banca de avaliação desta monografia, pela gentileza de se desbruçarem sobre os meus estudos.

Obrigada aos mestres decisivos para minha formação acadêmica, Fatimarlei Lunardelli, Miriam Rossini, Rosa Nivea Pedroso, Myra Gonçalves, Cremilda Medina e, novamente, Marcia Benetti, Virgínia Fonseca e Ana Taís Martins Portanova Barros.

Obrigada à Dra<sup>a</sup> Cristina Bomfim pelos recursos bibliográficos grandiosamente confiados. Obrigada ao Jornal da Universidade, e aos colegas jornalistas Daiane de David, Marcelo Sarkis e Rafael Glória por facilitarem o trabalho de coleta do corpo empírico aqui analisado.

Obrigada aos amigos com os quais nesses últimos anos constituí família fraternal.

Obrigada a Sébastien Meyer, pela companhia na vida e nos sonhos.

Obrigada a meus pais pela possibilidade da vida.

## **RESUMO**

Este trabalho desenvolve estudo acerca das relações entre os valores-notícia embaixadores da prática jornalística, a redação noticiosa e suas linhas de cruzamento com as estruturas da Teoria Geral do Imaginário proposta por Gilbert Durand. O objetivo é recensear as metáforas presentes silenciosamente nos valores-notícia e nos recursos estilísticos do texto jornalístico. Tomamos as noções acerca de narrativa jornalística e critérios de noticiabilidade desenvolvidas por Mauro Wolf e Nelson Traquina. A análise aprofunda um olhar mitocrítico em 15 matérias de capa do mês de novembro de 2011 do jornal Zero Hora. Encontramos diversas imagens que brotam dos artigos coletados, o que nos leva a concluir que, para agir de maneira mais responsável, o jornalista deve assumir o potencial imagético dos textos da imprensa.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Valor-notícia, Noticiabilidade, Teoria do Jornalismo, Imaginário, Zero Hora

## **ABSTRACT**

This paper advances on the study about the relations between de newsworthiness values that embases the journalistic practice, the news writing and its lines of intersection with the structures from the General Theory of the Imaginary by Gilbert Durand. The aim is to do a census of the metaphors silently present on the news values and on the stylistic features of the press texts. We took the notions about journalistic narrative and newsworthiness values developed by Mauro Wolf and Nelson Traquina. This analysis deepens a mythocritical way to look at fifteen cover stories on November of 2011, published on Zero Hora newspaper. We found lots of images that comes from the collected articles, what makes us think that, in order to act in a more responsible way, jornalists need to assume the imagetic potencial of the press texts.

## **KEYWORDS**

News values, Newsworthiness, Journalism Theory, Imaginary, Zero Hora

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1: Protocolo de mitocrítica .....</b>	<b>31</b>
<b>Tabela 2: Maiores jornais do Brasil em circulação paga (2011) .....</b>	<b>32</b>
<b>Tabela 3: Manchetes do corpus .....</b>	<b>36</b>
<b>Tabela 4: Temáticas do corpus .....</b>	<b>39</b>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2</b>	<b>SOBRE O JORNALISMO</b> .....	11
2.1	VALORES DE SELEÇÃO .....	15
2.2	VALORES DE CONSTRUÇÃO .....	17
<b>3</b>	<b>POSSIBILIDADES DO IMAGINÁRIO</b> .....	21
3.1	ESTRUTURA HERÓICA .....	25
3.2	ESTRUTURA MÍSTICA .....	26
3.3	ESTRUTURA DRAMÁTICA .....	27
<b>4</b>	<b>OPÇÕES METODOLÓGICAS</b> .....	29
<b>5</b>	<b>ANÁLISE DO CORPUS</b> .....	34
5.1	CRITÉRIOS SUBSTANTIVOS, RECURSOS ESTILÍSTICOS E IMAGINÁRIO .....	34
5.1.1	<b>Violência e desvios cotidianos</b> .....	41
5.1.2	<b>Índices econômicos e sensoriais</b> .....	42
5.1.3	<b>Dramas e personagens diplomáticos</b> .....	44
5.2	IMPLICAÇÕES IMAGÉTICAS DOS TEXTOS JORNALÍSTICOS .....	47
	<b>CONCLUSÕES</b> .....	51
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	55
	<b>ANEXO I</b> .....	57
	<b>ANEXO II</b> .....	74



## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca encontrar pontos de interseção entre a Teoria Geral do Imaginário, proposta pelo antropólogo francês Gilbert Durand na década de 1960, e as Teorias do Jornalismo, conforme esquematizadas pelo português Nelson Traquina e outros pesquisadores ao longo dos 30 anos posteriores. Uma das motivações para este trabalho é a escassez de estudos em Comunicação sobre potências imagéticas, simbólicas e mitológicas provenientes do texto jornalístico.

O Teoria do Imaginário preocupa-se em estudar as maneiras de o homem, *latu sensu*, dar sentido ao mundo, configurando-o simbolicamente. “O universal é o propulsor do imaginário, e o jornalismo carrega em seus eventos singulares as matrizes da universalidade” (BENETTI, 2009, p. 289). A humanidade não se relaciona diretamente com o mundo físico, mas sim através de um intrincado arcabouço de simbolismos que, estes sim, permitem o acesso ao mundo físico. A relação entre homem e mundo, portanto, se estabelece através dos significados que sua cultura incute nas coisas-do-mundo.

A imagem contemporânea do jornalista, conforme evidencia Traquina (1993), está ligada a uma série de representações feitas pela literatura e pelo cinema, que direcionam valores heróicos a esse trabalho. Nesse rol, estão elencadas as imagens da natureza altruística do jornalista, que confunde a esfera da vida privada e da vida profissional (BRODDASON apud TRAQUINA, 1997); do jornalista como aventureiro, grande Ulisses dos tempos modernos; do detetive, desbravador de searas obscuras na luta incansável em busca da verdade; do guardião da democracia, vigilante do poder – aspectos naturalizados pela aceitação consensual na contemporaneidade da Teoria Democrática.

Embora percebamos pelas declarações das maiores empresas de comunicação, que o jornalista deve se preocupar quase que instintivamente em produzir conhecimentos da forma mais objetiva, exata e científica possível, não podemos desconsiderar o forte papel que o campo desempenha na forma das imagens sobre o mundo que percebemos. Com o advento das tecnologias da informação, não somente as fotografias flagrantes, mas as transmissões simultâneas e os imediatos comentários acerca dos eventos da realidade comum,

ocupam cada vez mais um papel decisivo no cotidiano informativo das populações. A informação proporcionada pelos jornalistas – que assim também protegem e dignificam sua atuação – é considerada um direito inalienável.

Na linha dos estudos etnoconstrucionistas da Teoria do Jornalismo, este trabalho está filiado principalmente às noções do teórico italiano Mauro Wolf, do pesquisador português Nelson Traquina e da socióloga norte-americana Gaye Tuchman. Combatendo o entendimento de notícia como espelho do real – como preconizavam as primeiras teorias hipodérmica e empíricas sobre a *mass media* – este trabalho se reporta à ideia de narrativa jornalística como forma literária de papel eloquente na construção social da realidade, utilizada pelos jornalistas (por sua vez pressionados pela coerção organizativa de uma imprensa empresarial) para organizar os acontecimentos. As notícias, no entanto, chegam a público de maneira descontextualizada, descolada de sua forma de produção, abrindo possibilidade de novas leituras não somente do texto, mas do próprio acontecimento.

Através do pensamento de Durand (1997), é possível traçar um novo mapa para compreender que pulsações individuais e coerções sociais configuram as imagens simbólicas impressas no trabalho cultural. Aplicamos aqui essa leitura, mais comumente utilizada na análise de obras literárias e iconográficas, ao texto jornalístico. Este homem, o jornalista, pode representar uma das configurações contemporâneas mais fiéis ao mito do herói – muitas vezes, inclusive, beirando o herói trágico – como no caso de profissionais que adentram mundos desconhecidos e os levam a conhecimento público, comumente trabalhando em áreas de conflito.

É notório perceber por quais critérios são avaliados os fatos para entender esse movimento dominante que define os conteúdos perseguidos pelas publicações de jornalismo. A infração, o erro, o desvio, o crime são as manchetes de maior vendagem e que conferem maior valor ao trabalho de apuração.

O objetivo da presente monografia é compreender por que motivo são esses os valores de noticiabilidade, como a redação jornalística relaciona esses valores e o que é possível depreender como consequência dessa prática. É uma tentativa de desnaturalizar as estruturas que caracterizam o jornalismo como criador de narrativas mitológicas. As guias do jornalismo contemporâneo procuram uma limpeza e uma ordem de tratamento sistemática que homogeneiza os trabalhos. Sublinhando o papel do jornalista como sujeito ativo e criativo nesse processo,

procuramos encontrar se é possível que ele não reproduza no seu texto os mitos aos quais está vinculado. Se reproduz, como eles se materializam no texto e nos valores-notícia e o quanto a cultura profissional está responsável por essa presença.

Pesquisar a possibilidade dessa relação é acrescentar mais um elemento aos paradigmas dos estudos da Teoria do Jornalismo. Desta forma, é possível avançar nos estudos da ciência da Comunicação, que se misturam com os esforços da Antropologia, reforçando uma possível nova rede interdisciplinar de compreensão.

Num primeiro momento, este trabalho caracteriza quais os pressupostos teóricos assumidos a respeito do jornalismo, tais como, valores-notícia de seleção e de construção dos textos jornalísticos. Posteriormente, o terceiro capítulo vai adentrar nas especificidades da Teoria do Imaginário e desenvolver suas noções, a saber, as estruturas ponderadas entre imagens heróicas, místicas e dramáticas. Após delimitarmos o corpo empírico eleito para esta análise, explicaremos como se dá o processo da metodologia, processo desenvolvido por Gilbert Durand para a busca de metáforas obsessivas nos textos culturais. Buscaremos esses símbolos nos textos de capa de Zero Hora durante a primeira quinzena de novembro de 2011 e nos critérios de seleção aos quais eles se relacionam.

Refletindo a respeito dessas presenças, vamos encontrar motivações diversas que instauram um comportamento predominantemente combativo do jornalismo, o que pode revelar e deixar de revelar muito sobre os valores que fabricam diaria e monotonamente o campo da comunicação.

## 2 SOBRE O JORNALISMO

Se as palavras tivessem vida própria, adorariam ser contempladas pelo leitor ávido por descobrir coisas novas através delas. Esticando ao máximo possível os limites que a crença nos dispositivos linguísticos pode proporcionar, chegamos à palavra jornalística. Palavra que é detentora – desde os avanços da indústria da informação no século XIX – da máxima da objetividade, que exige do humano-profissional superar as adversidades da livre criação em nome da busca pela ‘verdade’ dos fatos.

No topo desta pirâmide depositária e fabricante de produtos da e para a imaginação (BARROS, 2010), o jornalismo elege as palavras que, diariamente, constroem narrativas fabricantes de impressões de mundo. As raízes desse mistério publicado, que embasam todo o rol literário dos jornais impressos a tipos de ferro até o que veio a se tornar o jornalismo contemporâneo, são os critérios de noticiabilidade, à primeira vista um conhecimento sagrado, uma capacidade secreta (TUCHMAN, 1972) que caracteriza o jornalista e o diferencia das outras pessoas, mais do que qualquer outro valor normatizante do campo.

De certa maneira, este trabalho integra o rol de esforços acadêmicos que pretendem retomar o potencial do jornalista como autor criativo e do jornalismo como narrativa socialmente responsável pela apreensão do presente em suas instâncias concretas e simbólicas. É preciso lembrar que o homem se relaciona com o mundo através da criação de um outro universo de percepções, isto é, um mundo simbólico, e as práticas sociais reiteram esses simbolismos através da redundância dos mitos. Como destaca Cremilda Medina:

[...] um “eficiente” comunicólogo ou profissional da comunicação que apenas fundamente sua consistência nas explicações sociológicas, perdendo de vista a partilha cultural (até mesmo desqualificando a antropologia, berço da compreensão e mutações da ideia de cultura), dificilmente terá a oportunidade de aguçar a escuta poética, despoluir a consciência, captar ressonâncias transcendentais e se deixar contaminar pelos desejos inconscientes. Essa fina sintonia leva a dialogias que partem, sim, das situações sociais concretas, mas, ao mesmo tempo, decolam para o tempo recorrente da intertextualidade que só a arte e a oratura do cotidiano preservam no espaço da aventura humana (1998, p. 16-17).

A ascensão da Teoria Democrática fornece o impulso inicial para a constituição da imprensa moderna (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003; TRAQUINA, 2002). É a partir desse nó que a tradição de liberdade torna-se parte essencial do fazer jornalístico, uma busca desesperada pela manutenção das condições para expressão da *verdade jornalística*. Essa liberdade é consentida não somente por meio da relação política proporcionada pelo Estado e pela soberania popular ao agente social jornalista, mas também através de um pacto mútuo e silencioso entre os profissionais e o público: os jornalistas têm a missão pública da informação.

Historicamente, o campo jornalístico tem se configurado como responsável pelo acesso que as pessoas têm ao mundo para além de suas rotinas individuais. Não é à toa que a reflexão acerca desta atuação profissional tenha sido inserida em muitos países como especificidade subjacente ao estudo da Comunicação Social e não das Letras, das Artes ou da Informação. Os compromissos sociais expressos nos valores como a veracidade e nas maneiras peculiares de agir, falar e ver componentes de uma identidade jornalística (TRAQUINA, 2002) são possíveis imperativos categóricos do campo profissional.

O imperativo ético do jornalismo é a verdade (TAMBOSI, 2007). Cornu (1994) evidencia a relação intrínseca da noção de verdade à profissão ao afirmar que o jornalista como sujeito é pessoalmente interpelado por uma ética da informação. Ele se torna responsável por distinguir aquilo que é digno de ser retratado, pelo dever de relatar com exatidão a realidade observada e pelas consequências de seu trabalho.

Cabe a nós apontar a possibilidade de encaminhar esse texto para uma discussão crítica sobre a ética jornalística que, muito advinda do pensamento kantiano (COSTA, 2009), impõe normatizantemente a liberdade como obrigação inclusive de respeito à humanidade – e, portanto, à racionalidade – do humano-leitor, a quem se deve, antes de tudo, entregar a máxima verdade possível dos acontecimentos. Não obstante o cerne da discussão promovida aqui não seja de fato a ética jornalística, um dos alcances almejados por esta pesquisa é de que o reconhecimento das potências míticas contidas na narrativa do noticiário – que se utiliza de pequenas histórias para evocar uma máxima universal que interessa à humanidade – consiga fazer com que seja retomada a responsabilidade perdida pelo jornalismo comercial e o façam aterrisar novamente no campo social.

Contudo, há pouca dúvida de que os jornalistas acreditam estar envolvidos na busca pela verdade, e é isto que a sociedade espera dessa profissão (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003). A verdade jornalística, no entanto, está delimitada pelo processo seletivo dos acontecimentos que se tornam notícia. “Os jornalistas invocam procedimentos rituais para neutralizar potenciais críticas e para seguirem rotinas confinadas pelos limites cognitivos da racionalidade” (TUCHMAN, 1993, p. 75). Um desses rituais estratégicos do jornalismo é a específica capacidade de julgar quais acontecimentos devem tornar-se notícias. É uma característica própria da identidade jornalística o “saber de reconhecimento” (TRAQUINA, 2002, p. 151). Os jornalistas reivindicam para si essa capacidade de *news judgement* assim como “invocam a sua objetividade quase do mesmo modo que um camponês mediterrâneo põe um colar de alhos à volta do pescoço para afastar os espíritos malignos” (TUCHMAN, 1993, p. 75). Observar, pois, os valores-notícia do campo é uma maneira de buscar alguns fios de trançam a cultura profissional.

Como pontua Traquina (1993), frente a um mundo de imprevisibilidade, o jornalista impõe, a fim de capturar os acontecimentos, uma lógica (1) no tempo, estabelecendo uma agenda de acontecimentos que preevêm uma ordem do dia, para vencer a “hora do fecho”; e (2) no espaço, estendendo a rede de cobertura com profissionais em pontos estratégicos de conflito ou especializados em determinado assunto, o que leva a uma certa homogeneização temática nos diferentes produtos jornalísticos – cultura, política e economia nacional e internacional, saúde, esportes. (TRAQUINA, 1993, p. 171). Esse esforço classificatório do jornalista pretende “organizar a experiência do aleatório e lhe conferir racionalidade” (RODRIGUES, 1993, p. 33), o que provoca efeitos para além de uma editoria bem esquematizada.

Essa organização temática das redações são indicações dos valores-notícia que nela vigoram (WOLF, 1995). Sistemáticamente, o campo conduz à criação de critérios de noticiabilidade (*newsworthiness*) para julgar e avaliar quais eventos são determinantes para configurarem nas páginas do jornal, mas também para julgar a competência profissional. A relação com o fator tempo é fundamental para o jornalismo. A capacidade dos jornalistas é inclusive avaliada por seu público e seus colegas de acordo com essa aptidão:

Devido ao fato de as organizações jornalísticas funcionarem dentro de um ciclo estruturado em função de marcos temporais, não é de se estranhar que o verdadeiro teste de competência profissional resida na capacidade do

jornalista de deixar de ser vitimado pela cadência frenética imposta pelas horas de fecho e passar a controlar o tempo. (TRAQUINA, 2001, p.121).

A escolha de acontecimentos noticiáveis não poderia ser simplesmente explicada como *o que há de importante e interessante nos fatos* (WOLF, 1995). O autor italiano aponta para a presença de critérios específicos não somente na escolha dos acontecimentos a serem acompanhados, mas também no momento posterior da redação. Os critérios substantivos se referem à seleção de acontecimentos baseada nas propriedades do próprio conteúdo dos fatos. Mas outros valores também estão presentes nessa decisão, a saber, as condições de possibilidade da produção das matérias, critérios relativos ao público (à imagem que se tem acerca da audiência) e à concorrência (relação entre organizações de imprensa).

Baseado nessas noções, Traquina (2002) esquematiza os valores-notícia de seleção de acontecimentos em critérios substantivos e critérios contextuais. Esses fazem os jornalistas optarem ou não pelo privilégio a tais acontecimentos em lugar de outros.

Enquanto os critérios substantivos delimitam os adjetivos do próprio acontecimento, os critérios contextuais representam as delimitações acerca das próprias condições do trabalho jornalístico. Essas são questões referentes à disponibilidade de cobertura em relação a fontes e elementos visuais, ao equilíbrio do noticiário em diferentes temáticas e à cobertura da organização de imprensa concorrente. Embora contribuam para compor o contexto no qual se inserem os profissionais da comunicação, não são o objeto primeiro de estudo desta pesquisa.

É importante salientar que, como referiu Tuchman (1993), os profissionais têm dificuldade enorme de indicarem quais são os critérios de noticiabilidade que guiam suas escolhas. A via pragmática do trabalho jornalístico também enfrenta a dificuldade de que os profissionais são conhecedores não teóricos (PHILLIPS apud TRAQUINA, 2002) dos temas que abordam: são dependentes das fontes e dos constrangimentos organizacionais. A imprensa opera, portanto, numa espécie de ritmo de manada, sendo autoreferente em seus valores e preconizando o interesse de uma média bastante geral da audiência esperada.

Os critérios relativos à produção do conteúdo informativo de Wolf (1995) encontram eco nos valores-notícia de construção (TRAQUINA, 2002), que especificam os recursos estilísticos, as propriedades narrativas das quais se utilizam os materiais jornalísticos.

## 2.1 VALORES DE SELEÇÃO

Os valores-notícia de seleção tentam explicar o que há de comum entre os fatos que ganham status de notícia. Dentre o levantamento de abordagens dos valores-notícia, Traquina (2002) destaca três estudos para posteriormente listar as características dos acontecimentos comumente tomadas como fatos noticiosos pelos jornalistas. O primeiro deles, de Herbet Gans, pesquisa os telejornais da CBN, ABC e NBC e as revistas Newsweek e Times entre 1967 e 1975. Ele observa forte incidência de acontecimentos envolvendo pessoas famosas, investigações, escadândalos e crimes. Em outro levantamento, Galtung e Ruge elencaram doze valores-notícia, enfatizando o valor da negatividade com a máxima “*bad news is good news*” (TRAQUINA, 2002, p. 179). Por último, o estudo de Ericson, Baranek e Chan mostram a dificuldade de classificar sob qual critério cada matéria foi elaborada, pela natureza múltipla e interceptante dessa escolha. Os sete pontos levantados por eles falam também das qualidades narrativas dos materiais, tais como, personalização, simplificação e dramatização.

Em linhas gerais, os valores de seleção, conforme aponta Traquina (1993), permanecem numa lógica constante, o que o pesquisador português percebe ao comparar estudos em diferentes épocas da produção de noticiários. A ênfase sempre está no desvio, no que irrompe da realidade comum, no insólito, no inesperado. Segundo Galtung e Ruge (apud TRAQUINA, 1993, p. 181), esse valor-notícia é comumente reiterado porque:

[...] a) as notícias negativas satisfazem melhor o critério de frequência; b) são mais facilmente consensuais e inequívocas, no sentido em que haverá acordo acerca da interpretação do acontecimento como negativo; c) são mais consonantes com, pelo menos, algumas pré-imagens dominantes do nosso tempo; d) são mais inesperadas do que as positivas, tanto no sentido de que os acontecimentos referidos são mais raros, como no sentido de que são menos previsíveis.



A classificação proposta por Traquina (2002) abarca nove itens que constantemente se inter cruzam na escolha das pautas. O jornalismo traz a atualização, as informações acerca do mundo, atendendo a uma necessidade humana. “A busca por compreensão sobre os movimentos da vida que surpreendem, perturbam e emocionam faz o homem querer saber ‘o que há de novo’” (BENETTI, 2009, p. 287). A pesquisa, portanto, pela (1) *novidade*, é o principal motivador do trabalho jornalístico.

O jornalista fala da sua aldeia e as novidades da localidade ou que nela interessam ao público, como evidencia o valor da (2) *proximidade*. Acontecimentos próximos podem ocorrer em termos geográficos e culturais, isto é com impacto direto ou indireto na vida das comunidades ou das pessoas. Muito próximo está a ênfase no acontecimento com (3) *relevância* social e temporal. Esses dois aspectos englobam o que Mauro Wolf (1995) nomeou como relevância do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação.

A (4) *notabilidade* é uma das características principais do conteúdo jornalístico. Um acontecimento ganha força notória quando afeta ou diz respeito a grande esfera de pessoas (*quantidade*), quando ocorre algo ao contrário do que se espera (*inversão*), quando algo denota o não-funcionamento regular dos sistemas (*falha e excesso ou excassez*), e ainda, quando o totalmente imprevisível ocorre (*insólito*), que pode ser percebido em qualquer surpresa da vida contemporânea.

Um rápido olhar pela história da imprensa evidencia que os mais famosos casos do jornalismo tratam de investigações, catástrofes, revelações. Todas essas infrações surpreendem porque, de certa maneira, representam o (5) *inesperado*, aquilo que ganha extrema notabilidade de grande história – geralmente provocando o caos nas redações e alterando as formatações editoriais pré-concebidas. O fato, “quanto menos previsível for, mais probabilidade tem de se tornar notícia” (RODRIGUES, 1993, p. 27).

Essa ordem do mundo é entendida como uma ordem lógica, de manutenção, inclusive de *status quo*. A linha lógica do acontecimento jornalístico instaura um mundo normatizado, caracterizado pela eficácia, pela ponderância, pela ordem (RODRIGUES, 1993). Qualquer aspecto que foge desse princípio organizador, portanto, é suposto que impressione. Compreendemos, portanto, porque o (6)

*conflito/controvérsia* entre declarações de fontes, a arguição inflamada no âmbito político e a prática da violência comumente estampa as capas dos jornais.

Ao lado está a importância de noticiarmos a (7) *morte*, um dos principais temas do jornalismo. “Onde há morte, há jornalistas” (TRAQUINA, 2002, p. 187). A morte sempre choca, e portanto atrai, pois revela o imponderável e incalculável da vida. As catástrofes interessam pela quantidade de corpos: o número de mortos geralmente é a manchete que anuncia uma tragédia. É o interesse pelo humano que justifica a cobertura de acontecimentos inimagináveis, como acidentes, catástrofes naturais e crimes violentos.

Uma vez que relata sobre a vida cotidiana e suas pequenas mudanças, mas no intuito à universalização e ao registro no tempo dos acontecimentos, desse jornalismo também se espera a escrita de biografias e obituários das personalidades. Além disso, quando o agente principal dos acontecimentos já detém certa simpatia ou familiaridade com o público, os fatos que dizem respeito a ele interessam. A reprodução do patamar da autoridade também é perceptível através do valor-notícia da (8) *notoriedade*: o reconhecimento dos personagens é vital para qualquer narrativa instigante.

Por último, a continuidade das narrativas qualifica o valor-notícia do (9) *tempo*. Quando um acontecimento tem seu desenrolar ao longo de determinado período, justifica-se a repetição de um assunto específico nos jornais.

## 2.2 VALORES DE CONSTRUÇÃO

Diariamente “os editores de jornais chegam à redação perguntando-se como vão contar a história que seus leitores já viram e ouviram dezenas de vezes na televisão e no rádio, nesse mesmo dia” (MARTÍNEZ, 1997). Essa repetição, no entanto, não é cansativa, pois está sempre acompanhada de novos personagens, dados, contextos, leituras. Podemos dizer que essa perseverança de repentista que improvisa até o último segundo (que sempre preenche o jornal até o último minuto da hora do fechamento nas redações do material a ser publicado) permite que os jornalistas – que se pautam diariamente de grandes temas que justificam socialmente

o campo tais como economia, política, saúde, cidadania – consigam produzir com a mesma melodia textual e design métrico, centenas de textos diferentes sobre histórias que sempre rimam com as publicadas no dia anterior.

Nesse sentido, a subjetividade do jornalista como observador do notável (CORNU, 1994) também está presente. Existem inúmeras maneiras de relatar um acontecimento, o que de maneira alguma deve ser combatido, uma vez que é uma das principais virtudes também do ethos jornalístico a capacidade autoral e crítica dos comunicadores. Entende-se que o momento da escrita, da criação, é inegável e propriamente intransponível nesse campo.

O jornalismo é necessário para a sociedade, na medida que ele indica verdades de acontecimentos contemporâneos, regulando ações políticas, econômicas e sociais. Kovach e Rosenstiel (2003) lembram que essas verdades nas quais baseamos as estruturas da sociedade moderna, tal como as teorias do direito, da história e da ciência, são verdades funcionais, ou seja, teorias nas quais baseamos o viver, mas que estão sujeitas constantemente a revisão.

O momento de criação respeita claramente as aspirações subjetivas do jornalista, mas também está comprometido com a aplicação desses dados encontrados na pesquisa. No entanto, o estudo que se faz dos trabalhos das mídias geralmente procura indicadores nos textos veiculados, ignorando as etapas anteriores e posteriores do processo. Nessa busca é impossível encontrar algo que ateste a intenção de objetividade do repórter no momento da pesquisa sobre o tema tratado. Por isso, a discussão acerca da existência de objetividade ou não no trabalho jornalístico se alonga por tanto tempo.

Para satisfazer essa intenção da busca pela veracidade dos fatos, no entanto, é necessário que o jornalista passe por um esforço de objetividade no processo de averiguação dos fatos. O tratamento que a esse levantamento de informações será dado conta, indiscutivelmente, com dois potenciais: os esforços de guia ao estilo discursivo do jornalismo – como descritos através dos valores de construção – e ao potencial de apaixonado escriba do jornalista.

Mesmo depois da escolha das pautas, o jornalista elege quais elementos desse acontecimento serão incluídos na elaboração da notícia (TRAQUINA, 2002). O autor português enfatiza seis valores importantes para essa triagem.

O jornalista se esforça para dar importância à notícia. Nesse sentido, importa aderir (1) *relevância* aos relatos publicados. É atividade integrante do papel social do jornalista, que muitas vezes trabalha sob concessão pública, procurar aqueles acontecimentos que, à primeira vista passariam despercebidos pelo grande público, mas que representam de fato ou potencialmente influência considerável na vida da comunidade.

É perceptível que a lógica da notícia segue a (2) *simplicidade*. Quanto menos ambiguidades estão presentes, quanto menos complexo um acontecimento é, e portanto, mais facilmente é compreendido, melhor. Essa prática reitera o quanto o jornalismo pode se desviar para a rotina, tratando cada vez mais sobre acontecimentos singulares em vez de abordar problemáticas. Aliado a esse problema do constrangimento diário da hora do fechamento está o uso constante de clichês, imagens pré-concebidas e ideias que possam fazer funcionar o recurso do “comparar para conhecer”. Para além do empacotamento das informações na técnica do *lead* e da pirâmide invertida, as regras estilísticas requerem o conhecimento de um inventário de velhas situações para definir as novas.

Aqui também podemos vincular o valor da (3) *consonância*. A inserção de um novo dado/evento relacionado a um contexto previamente explorado facilita a cobertura. Esse valor assegura uma segurança pela repetição de temáticas ou tratamento previamente explorados.

Posto que se dirige a um público presumível, é de interesse que o jornal fale para um grande número de pessoas, por isso se utiliza a imagem das grandes massas em muitas de suas manchetes gerais, com bom uso de metáforas. A (4) *amplificação* dos acontecimentos funciona como grau de reconhecimento como nos exemplos: “Mundo tem novas possibilidades tecnológicas”, “América chora a morte de Nixon” (TRAQUINA, 2002, p. 199).

A (5) *personalização* integra o recurso discursivo quase em sua totalidade porque os acontecimentos dependem de ações que, se não praticadas por seres humanos, os afetam. Em segunda instância, é preciso a colaboração de fontes para os relatos que, muitas vezes, acompanham histórias de vida. Ainda, quanto mais

personificado um acontecimento, mais facilmente é julgado como positivo ou negativo.

Junto ao recurso personalístico, trabalha-se a (6) *dramatização*. Como próprio das narrativas, a linguagem faz relacionarem-se elementos de força racional e imagética. Muito explorado pelos relatos de situações experienciadas – tanto pelo jornalista como pela fonte – esse elemento está fortemente presente no fotojornalismo e na televisão, técnicas discursivas subordinadas à presença imperativa do fator humano como elemento ilustrador e agregador de sentido ao texto.

A seguir, vamos entrar na seara das imagens reproduzidas através dos textos culturais, como os do jornalismo. Através da Teoria do Imaginário procuramos prover as noções que guiam a análise realizada nesse trabalho.

### 3 POSSIBILIDADES DO IMAGINÁRIO

Neste capítulo aprofundaremos as questões teóricas que nortearam o presente trabalho na intenção de enriquecer o debate acerca da narrativa jornalística e seus efeitos para pensar sua função social.

A Teoria Geral do Imaginário propõe uma esquematização dos símbolos presentes nas produções humanas. Durand (1997) considera o imaginário – coletivo de símbolos criados pela humanidade para se relacionar com o mundo – como um todo orgânico e dinâmico que se organiza em torno de núcleos ou constelações. A força de convergência desses elementos tem como guia o isomorfismo das imagens simbólicas, isto é, imagens que orbitam em torno de um tema arquetípico.

O conceito de arquétipo é tomado de Carl Gustav Jung (apud DURAND, 1997). O pensador alemão sugere a ideia de imagens simbólicas coletivas advindas de fora do contexto histórico e social do homem, e imanentes à sua própria condição de existência, adquirindo universalidade constante através das atualizações simbólicas. Isso porque o símbolo remete para algo, mas não se reduz a uma única coisa. O inconsciente fornece uma forma arquetípica vazia, que, para se tornar sensível à consciência humana, é preenchida pelo consciente através dos elementos de representação. O arquétipo é uma forma dinâmica, uma estrutura organizadora de imagens (DURAND, 1995). A partir do momento em que ele se associa a uma imagem, torna-se então materializável, reconhecível. Esse é o instante de concretização do símbolo. Estabelecendo-se uma ordem narrativa para relacionar esses símbolos através da linguagem, temos o mito.

Gaston Bachelard (1988), um dos fundadores da noção contemporânea de imaginário, desenvolve um método para falar de imagens. Os símbolos são utilizados em três setores gerais: a ciência objetiva, que lapida o símbolo para o ponto comum mais útil; o sonho, onde o símbolo se desfaz insequentemente; e a palavra humana (BACHELARD apud DURAND, 1995). A exploração fenomenológica de Bachelard leva à fabricação da noção de imaginação criadora, uma conjugação do inconsciente pessoal com as matérias da natureza. Da relação do corpo com a matéria, o homem pode engajar-se numa exploração subjetiva, num

*devaneio*. Isso porque Bachelard entende que a única maneira possível de chegar às imagens criadoras é através de uma busca fenomenológica.

“A imagem só pode ser estudada pela imagem” (BACHELARD, 1988, p. 52). As imagens criadoras são essas instâncias simbólicas que se afiliam às manifestações, grosso modo, mais puras do arquétipo. São os mitos, em sua grande parte, histórias ilógicas, *a-rationais*, pré-existente aos conceitos. As imagens da cultura humana são reprodutoras, partem de um conceito, de uma apreensão racional dos mitos.

As narrativas mitológicas são o corpus de estudo da Teoria do Imaginário. Uma vez, porém, que consideram a presença de constantes manifestações dos mitos nos produtos culturais da humanidade, é possível que tipos variados de criação possam ser contemplados e apreciados, no âmbito do imaginário, criticamente. O texto jornalístico foi tomado aqui como um desses produtos culturais repletos de significados extra-intencionais, que permitem um viés simbólico de leitura.

Dois noções de Bachelard são definitivas para esse pensamento teórico: a poética do *homo faber* e o princípio de isomorfia (apud DURAND, 1997), entendendo que a matéria da natureza não é só contemplada pelo homem, mas manipulada. A imaginação nasce no corpo do homem, na tentativa de aproximar-se das coisas do mundo, portanto, do gesto. A imaginação, faculdade que permite a apreensão do mundo, comporta-se, em amplo espectro, de maneira similar à matéria. Por mais que as metáforas transformassem as imagens em outras, suas filhas (como a relação entre caverna úmida e escura—casa—ventre materno), elas sempre serão reversíveis, tal qual a água em diferentes estados da natureza (sólida—líquida—gasosa), sempre será água, por mais que, uma vez percebida simbolicamente, possa materializar uma variedade de sentidos. Os símbolos orbitam, portanto, ao redor de um tema arquetipal. Esse intrincado de conexões imagéticas seria mais tarde chamado por Durand de trajeto antropológico das constelações simbólicas, “a incessante troca que existe a nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (DURAND, 1997, p. 41).

Aqui nos cabe um pequeno parêntese: assumimos, portanto, a postura de que, frente às coerções do meio, a humanidade reage, principalmente no âmbito simbólico. Diferente do pensamento freudiano, as pulsões humanas que sofrem pressão do meio não se reprimem obrigatoriamente para tornarem-se traumas. O imaginário representa, numa divisão pedagógica do pensamento, o lugar em que pulsões subjetivas – acomodações anteriores ao meio objeto – e coerções objetivas – modeladas pelos imperativos pulsionais – harmonizam-se, procuram o equilíbrio entre si. Ter essa noção como pressuposto nos impede de ler o trabalho jornalístico como sugere a teoria hipodérmica da comunicação, “reduzindo a dimensão subjetiva da escolha em favor do caráter manipulável do indivíduo e, acima de tudo, reduzindo a ação humana a um relação de causalidade linear” (WOLF, 1995, p. 63-64), nem como pensa a teoria estrutural-funcionalista que “salienta a ação social na sua adesão aos modelos de valores interiorizados e institucionalizados” (WOLF, 1995, p. 64).

Para classificar as constelações imagéticas do imaginário, Durand se apropria dos estudos da reflexologia da Escola de Leningrado: a psicofisiologia relativa aos reflexos dominantes, “reflexos organizadores dos outros reflexos por inibição ou reforço” (DURAND, 1995, p. 78), que infere as dominantes postural, digestiva e copulativa, relativos aos mais primitivos conjuntos sensores-motores do organismo humano. Considerando a concepção de que o homem se relaciona com o mundo a partir dos efeitos simbólicos que ele percebe e que faz representar à sua cognição através da atribuição de sentido, pode-se concluir que essa evolução individual pela qual passa a manifestação mais claramente material do homem, o corpo, também é geradora de simbolismos. A relação gestual do homem, ainda, está aliada ao seu fazer no mundo. Por esse motivo, os esquemas de ação verbal e do pensamento também estão esquematizados. Os princípios lógicos adotados (ruptura, ligação e analogia), provêm do estudo de Roger Bastide acerca do candomblé afro-brasileiro (DURAND, 1995).

Adotamos a classificação tripartida da linguagem corporal (DURAND, 1997). A *dominante postural* seria então relativa ao posicionamento vertical do corpo humano que, desde o momento do nascimento, força-se a um equilíbrio através dos pés, liberando as mãos para outra série de movimentos e atitudes relacionadas.



Segue-se a *dominante digestiva*, percebida materialmente pelos movimentos de sucção labial do recém-nascido no peito da mãe e de prostração da cabeça em direção ao chão. Relaciona-se à ação da analogia, que confunde e impede a lógica separatista de pensamento, trabalhando da ideia das sensações como forma de apreensão dos objetos.

A *dominante cíclica*, por último, tem origem interna, com intuito sexual, copulativo. Evoca o ritmo que proporciona ligação entre os pares, mas que, diferente de uma transformação digestiva, preserva a coexistência integral das partes, mesmo que essas sejam paradoxais entre si. Nessas metáforas, imagens contraditórias atuam plenamente ligadas pelos ciclos do tempo.

Durand (1997) preconizou que a principal pulsão do sujeito é vencer as faces do tempo, imagens corporificadas do tempo que estão aliadas à certeza do perecimento e da morte. Nesse sentido, a consciência da passagem do tempo, própria da humanidade, seria responsável por três grandes medos na vida dos homens, epifanias imaginárias frente à temporalidade:

Os símbolos teriomórficos, ou seja, que têm forma de animal, relacionam-se o medo das feras, à espontaneidade da natureza. O simbolismo animal nos é apresentado desde a primeira infância (DURAND, 1997) como forma de conhecer o mundo e as diferentes características dos seres vivos. O universo animal aqui circunscrito é o do animal selvagem, de comportamento inesperado, revelando o “arquetipo do caos” (DURAND, 1997, p. 74). A linguística observou a proximidade dos substantivos ‘animal’ e ‘animação’. A movimentação, logicamente possível somente pela existência do tempo relacionado ao espaço (como mostram Zenão e seus paradoxos), do instinto e dos reflexos inconscientes, angustia o homem, que não a domina.

Também os símbolos catamórficos, relacionados ao medo da queda, estão fortemente presentes na experiência humana. Como destaca Durand (1997), a queda é a primeira angústia experimentada: no momento do nascimento em que o bebê cai do ventre quente, escuro e acolhedor de sua mãe para um mundo claro, gelado, diferente. Mais tarde e para sempre, estarão as dificuldades para aprender a caminhar e encontrar o equilíbrio do corpo. A queda física, no entanto, metaforicamente, traz a ideia de queda moral, da supressão dos valores do homem bom às motivações do mal, da cólera e da inveja.

Por último, o homem sente o temor da escuridão e das dinâmicas relacionadas à falta de luz, clareza, capacidade de distinção, racionalidade. A cegueira e a caducidade são o anoitecer da alma humana.

Em resposta a esses problemas, o homem despende um esforço criativo. Sendo a matéria portadora da morte, a atestação da passagem do tempo, o homem cria simbolicamente e narrativamente, artifícios não percebíveis ao tempo. Poderíamos dizer que a criação humana é sempre simbólica, uma vez que a matéria pode somente ser manipulada e transformada em outro tipo de matéria. A criação originária, seminal, só é possível simbolicamente. No entanto, a matéria, manipulada pelo homem, pode ser também fonte de inspiração para a criação simbólica.

Isso porque a imagem, *lato sensu*, não prescinde da matéria. Nesse sentido, percebe-se a continuidade de mitologias antigas na cultura moderna e comportamentos do homem que repetem esses grandes mitos. Durand produz uma classificação isotópica das imagens para relacionar três grandes esquemas imagéticos ou universos míticos: estrutura heróica, mística e dramática, em cujas características nos aprofundaremos a seguir. O quadro completo utilizado para a mitocrítica está anexado a esse trabalho.

### 3.1. ESTRUTURA HERÓICA

Relacionada à dominante postural, a estrutura heróica das imagens traz a liberação das mãos do homem que, frente às diversas situações coercitivas da vida, é capaz de manipulá-las, distingui-las, separá-las, posicionar-se à parte para analisá-las. Instaure-se uma lógica de reconhecimento pela distinção das coisas e um pensamento de ruptura que separa figura do fundo, objeto do ambiente.

Aqui há o entendimento de que os perigos pelos quais passa o homem estão relacionados a um problema na propriedade da visão, no não afastamento entre as motivações boas e ruins. Esse sentido é aguçado na persona do herói, que enxerga na distância do espaço e do tempo seus inimigos.

Com ele estão elencados símbolos como a materialização do impulso que tem o homem de ir em direção ao céu. Os símbolos ascensionais contemplam as

imagens de asas, anjos, posições hierárquicas; os espetaculares, o sol, a claridade, a visão à distância, rituais de purificação, o brilho e o dourado; e os diátricos, da distinção, do julgamento, da dialética, imagens bélicas, armas como instrumento do herói.

“Pode-se dizer que não há luz sem trevas, enquanto o inverso não é verdadeiro” (DURAND, 1997, p. 67). A estrutura heróica também é chamada esquizomórfica pela insistência em dividir, distinguir a matéria para compreendê-la. A existência dessa estrutura depende de existência de possíveis opostos, isto é, há a insistência num maniqueísmo das imagens, na busca de uma antítese, e o princípio lógico predominante será a busca pela identidade, pela afirmação pessoal – resultando, no clímax, num esforço autístico.

### 3.2. ESTRUTURA MÍSTICA

As outras duas estruturas do imaginário estão relacionadas a uma certa transmutação operada pelo homem sobre as coerções do tempo. Um meio de exorcizar a face ameaçadora do tempo por outro caminho que não a antítese polêmica e implacável do herói.

[...] consistindo em captar as forças vitais do devir, em exorcizar os ídolos mortíferos de Cronos, em transmutá-los em talimãs benéficos e, por fim, em incorporar na inelutável mobilidade do tempo as seguras figuras [...] de ciclos que no próprio seio do devir parecem cumprir um desígnio eterno (DURAND, 1997, p.193-194).

Englobando a dominante digestiva, a estrutura mística evoca imagens transformadoras operadas com realismo sensorial. A palavra *mística* adjetiva as sensações que são fruto de experiências inefáveis. Uma espécie de eufemismo, como afirma Durand (1997), relaciona-se à descida ao estômago onde operam as sensações térmicas, olfativas, táteis e gustativas. Aqui as imagens não serão mais “a ascensão até o cimo mas a penetração de um centro, e às técnicas ascensionais vão suceder técnicas de escavação” (DURAND, 1997, p. 199).

Símbolos de intimidade e de inversão acompanham essa lista de imagens próximas à lentidão, à metamorfose. É a representação objetivamente homogeneizante (com o intuito perseverante que funde a matéria e a recria) e a

subjetivamente heterogeneizante (que pretende inverter o final esperado, a obviedade linear).

A inversão opera numa dialética duplamente negativa, realizando um processo que por negação ou por um ato negativo se destrói o efeito da primeira negatividade, reconstitui o positivo (DURAND, 1997, p. 203). As imagens surgem com um sentido oposto ao usual, por isso é também chamada de estrutura antifrástica. Essas imagens permitem as aceções em que o pequeno vence o grande, o lento alcança o rápido, utilizando as armas do próprio adversário e simpatizando com a totalidade ou uma parcialidade do seu comportamento. Aqui estão elencadas as imagens da fecundidade e da lentidão das vísceras.

### 3.3. ESTRUTURA DRAMÁTICA

A última estrutura descrita por Durand engloba as imagens provindas de outra tentativa perante as faces do tempo. Outra possível transformação perante a angústia do tempo, é procurar controlá-lo. Mesmo reconhecendo a inevitável força do tempo, o entendimento acerca dele é transformado: o tempo é dividido em ciclos.

Também chamada sintética, a estrutura preconiza a possibilidade de união, ligação entre os acontecimentos. Aqui tem-se a possibilidade de haver concordância entre imagens heróicas e místicas, através da dramatização, isto é, da narrativa. Nota-se, porém, que o objetivo dessa ligação não é a criação de um novo item superador. As imagens, harmonizadas, coexistem. Para explicar esse movimento, Durand toma emprestado o termo *coincidentia oppositorum* do historiador de religiões Mircea Eliade. “A teofanias são inspiradas pela bipolaridade de seu simbolismo, por um esforço para reintegrar num contexto coerente a disjunção das antíteses” (DURAND, 1997). Podemos sublinhar a questão diacrônica que reúne contradições em histórias como Lúcifer e Rafael, Caim e Abel, Shiva e Kali, o Renascimento que liga instâncias como vida e morte, e tantas outras narrativas que se utilizam desse artifício para demonstrar a possibilidade da existência coincidente e sistematizada de diferentes realidades.

A dominante copulativa inaugura o desenvolvimento de um gesto rítmico/sexual em que o homem harmoniza o combate e a acomodação. A repetição e a progressão acompanham a lógica cíclica. Relacionam-se, portanto, imagens como a do Filho, do calendário agrícola, das fases lunares, do Deus Plural, do andrógino.

A seguir, explicaremos o método exploratório através da Teoria Geral do Imaginário. A metodologia é o método científico recomendado por Gilbert Durand. A escolha desse modo de pesquisar fornece novos instrumentos para a exploração imagética dos textos jornalísticos.

## 4 OPÇÕES METODOLÓGICAS

Nos estudos de Jornalismo, é bem aceita a escolha de corpo empírico que enquadre o próprio fazer do campo, tais como revisões críticas sobre a biografia de personas e instituições cujo trabalho é reconhecido no meio, retomada histórica das evoluções técnicas na imprensa, os alcances sociais e políticos dos artigos jornalísticos. É possível desenhar um projeto de pesquisa com essas questões através da análise de coberturas jornalísticas publicadas nas mais variadas mídias. Essa pesquisa se vale da mesma concepção de corpus mas busca analisar outra problemática.

Considerando as pressões sociais e os efeitos públicos do trabalho de Comunicação Social, é de primordial responsabilidade investigar os efeitos e afecções da conjuntura político-econômica nas redações, estúdios e agências. No entanto, as motivações que ajudam a forjar os valores do trabalho do Jornalismo estão também além das coerções sociais. O estímulo da presente reflexão é refletir sobre as ambiguidades que atravessam o fazer jornalístico, procurando entender os reflexos de origem antropológica que se exprimem através dos sujeitos-jornalistas dentro dos materiais produzidos.

Seria possível depreender daí que essa pesquisa seja realizada através de uma análise de conteúdo, de discurso ou então semiótica. Porém, os resultados passíveis de serem atingidos com duas dessas metodologias não condizem com os objetivos dessa investigação em particular. A análise de discurso não permitiria que encontrássemos as significações ocultas dentro do texto. O trajeto de sentido dos signos, porém, que procuramos, fala através mas não somente da linguagem.

A possibilidade de uma análise semiótica abriria novas possibilidades de resultados, uma vez que pretende dissecar as partes de um texto para, através do pensamento sistemático acerca dos signos da linguagem, retirar os sentidos produzidos denotativa e conotativamente. Contudo, é preciso atentar às delimitações indicadas pelo próprio objeto de pesquisa. No esforço de procurar os sentidos extra-textuais que criam ou reproduzem imagens arquetipais, essa metodologia estaria sendo de utilidade restrita, ainda levando a uma concepção de cultura diferente da idealizada nesse texto. Como alerta Umberto Eco a respeito da perspectiva, ela

deve topar com umbrais, ou limites naturais, “aqueles para além dos quais a pesquisa semiótica não pode aventurar-se, pois que cairia em território não-semiótico, eivado de fenômenos ininteligíveis, como funções sígnicas” (ECO, 1991, p. 4).

Diariamente lidando com as matérias publicadas nos jornais, enfrentamos e absorvemos uma visão do mundo plena de valores e que procura atender através de narrativas informacionais a essa demanda das comunidades por uma ordem social. As pequenas historietas que preenchem desde a segunda metade dos jornais tablóide até as manchetes principais dos grandes veículos contam, de certa forma, o que há de estranho e novo no mundo. Supreendentemente, esse texto que deve ser, em primeira instância, denotativamente compreendido por uma ampla gama de leitores, é compreendido também em suas instâncias conotativas. Isso porque, de certa forma, “a sorte de um homem resume em certos momentos essenciais, a sorte de todos os homens” (MARTÍNEZ, 1997).

Evitando uma análise psicologizante e, ao mesmo tempo, mantendo os pés nas humanidades das quais provêm os estudos de Comunicação Social, o recurso metodológico que adotaremos aqui é o procedimento desenvolvido pelo antropólogo francês Gilbert Durand (1997). Para entender as pulsões que alimentam o trabalho jornalístico de narração, escolhemos por não adotar linhas de pensamento que esterilizam ou sistematizam os possíveis significados. Esse método supõe, por exemplo, que o contexto das imagens detectadas de um texto possam inclusive ter mais importância do que a quantidade de manifestações contabilizadas (BARROS, 2010).

Utilizaremos a mitodologia, método de pesquisa que trabalha através de dois procedimentos diferentes: a mitocrítica e a mitanálise.

A mitocrítica propõe uma espécie de análise de conteúdo que não funciona, como tradicionalmente estabelecida, com bases e objetivos quantitativos. O método pretende verificar os temas e as metáforas obsessivas – os *mitemas* – nas obras da criação humana. É comum a aplicação de mitocrítica em obras literárias e artísticas, os mais notoriamente referenciados materiais culturais. Acreditamos que esse trabalho possa ser desenvolvido sobre um texto jornalístico, pois este também é

entendido como obra discursiva resultante da humanidade dos sujeitos que simplesmente empregam outra espécie de narrativa.

Produz-se um rescenseamento das imagens simbólicas repetidamente presentes para posterior contextualização desses recursos de linguagem. A redundância é fator determinante para a compreensão do símbolo no aspecto da Teoria Geral do Imaginário, uma vez que entende-se por símbolo o

[...] signo que remete para um indizível e invisível significado e, deste modo, sendo obrigado a encarnar concretamente esta adequação que lhe escapa, e isto através do jogo das redundâncias míticas, rituais, iconográficas, que corrigem e contemplam inesgotavelmente a inadequação (DURAND, 2000, p. 16).

Nesse sentido, elaboramos um protocolo de análise que destaca do texto as imagens simbólicas percebidas pelo pesquisador. Abaixo, reproduzimos o modelo de um dos quadros utilizados na análise do corpus dessa pesquisa:

**Tabela 1: Protocolo de mitocrítica**

Indicação bibliográfica do texto e texto completo	Universo Mítico Heróico	Universo Mítico Dramático	Universo Mítico Místico
Neste quadrom estarão grifados no meio do texto esquemas verbais e nominais (verbos, palavras, expressões) que evocam mitemas.	Neste quadro, estarão recortadas as expressões da linguagem que evoquem elementos do universo heróico.	Aqui, estarão recortadas as expressões da linguagem que evoquem elementos do universo dramático.	Neste quadro, estarão recortadas as expressões da linguagem que evoquem elementos do universo místico.

Para não atingir conclusão insuficiente do ponto de vista de uma investigação antropológica, o trabalho de pesquisa deve promover escavações e utilizar-se de lentes de aumento para perceber as motivações intrínsecas ao trabalho analisado, as pulsões subjetivas e as coerções objetivas que influenciaram o autor do texto. Dessa maneira, é possível aumentar a argumentação referente à presença das metáforas e traçar linhas de compreensão acerca dos mitos encontrados. Essa segunda etapa é a mitanálise, conjugada com a noção de plurimetodologia,



reforçada também por Durand (1997), que evoca uma análise não apenas centrada na obra como objeto, mas nos contextos onde essa produção cultural foi realizada.

Neste sentido, a análise desenvolvida neste trabalho realiza uma leitura mitocrítica dos textos de capa do jornal Zero Hora, desenvolvendo uma reflexão acerca de duas instâncias características do trabalho jornalístico, a saber, os critérios de noticiabilidade e a narrativa própria do campo. Quinze textos foram escolhidos para a análise, os artigos cujas manchetes figuraram na capa do jornal durante as primeiras semanas de novembro de 2011. A coleta foi realizada nesse período na intenção de evitar a caracterização temporal que padroniza as pautas publicadas no período próximo ao Natal e ao Réveillon, às férias, aos feriados de Carnaval, ao retorno das atividades escolares, aos impostos de início de ano, entre tantas outras.

O critério de seleção da publicação foi o poder de inserção na população gaúcha e nos demais produtos impressos do jornalismo, uma vez que os valores e temáticas de um jornal que é primeira vendagem na região tem eco na produção dos veículos de menor alcance local.

Na tabela abaixo, estão os cinco jornais gaúchos entre os 50 brasileiros com melhor colocação no ranking.

**Tabela 2: Maiores jornais do Brasil em circulação paga (2011)**

Rank	Título	Média da circulação
06	Zero Hora	188.561
08	Diário Gaúcho	155.853
09	Correio do Povo	149.260
24	Jornal NH	45.079
38	Pioneiro	27.174

Fonte: [anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil](http://anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil)

Acesso em: 27 de novembro de 2011

A Zero Hora Editora Jornalística é um nome tradicional na imprensa do Rio Grande do Sul desde sua fundação em maio de 1964. Em 1970, o jornal é adquirido pelo Grupo RBS, hoje uma empresa de comunicação multimídia proprietária de outros sete jornais com circulação no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, 24 emissoras de rádio, duas emissoras de TV local e 18 emissoras abertas afiliadas à Rede Globo de Televisão. As matérias publicadas diariamente na Zero Hora são, com muita frequência, repercutidas nas outras mídias do grupo. O jornal é hoje o sexto com maior circulação diária paga no país, conforme ilustram os números divulgados pela ANJ, Associação Nacional de Jornais.

Diariamente, a capa do jornal tamanho tablóide editado em Porto Alegre traz duas manchetes principais, uma textual e outra visual. É tendência no jornalismo contemporâneo explorar a imagem como uma segunda manchete, geralmente desvinculada da manchete tradicional em texto, diagramada, na quase totalidade das vezes, acima da fotografia, que preenche toda a segunda metade da capa. A nossa preocupação foi escolher somente as reportagens relacionadas às manchetes textuais, posto que não é nossa intenção adentrar o trajeto da análise iconográfica. Neste caso, seria necessário, além da leitura mítica das imagens, uma análise sobre os critérios de seleção das próprias fotografias. Nosso objetivo é aprofundar nas imagens míticas evocadas exclusivamente pelos recursos textuais. Os infográficos e as legendas das fotografias presentes nas matérias do corpus não foram consideradas nesta análise.

Com esta finalidade, um primeiro mapeamento dos grandes temas abordados foi realizado, para reunir recursos similares utilizados nos textos com assuntos análogos. A partir daí, tanto os critérios substantivos de seleção dos acontecimentos quanto os recursos estilísticos aplicados para a narração dessas notícias foram analisados sob a ótica da Teoria do Imaginário. As metáforas obsessivas presentes nas temáticas e nos discursos sobre elas são nossa fonte para adentrar o repositório de imagens reproduzido pelo jornalismo.

## 5 ANÁLISE DO CORPUS

Neste capítulo, vamos traçar sobre os 15 textos de capa de Zero Hora a leitura mítica possibilitada pela Teoria do Imaginário conforme as categorias de análise das estruturas *dramática*, *mística* e *heróica*. A mitocrítica nos permite encontrar esses símbolos nos textos e perceber, através dos recursos narrativos utilizados na redação jornalística, qual o imaginário dominante nos textos e sua relação com os critérios de noticiabilidade. Num momento posterior, a mitanálise amplia esse leque de percepções, trazendo a reflexão para as consequências éticas e sociais do jornalismo como criador de discursos sobre o mundo.

### 5.1. CRITÉRIOS SUBSTANTIVOS, RECURSOS ESTILÍSTICOS E IMAGINÁRIO

Os valores-notícia expressam esse conjunto de características que fazem os acontecimentos adequarem-se ou não à preferência jornalística. Uma matéria de capa de um jornal impresso diário é, certamente, aquela cuja noticiabilidade superou todos os outros acontecimentos do dia.

Com um rápido olhar pelos critérios substantivos anteriormente citados (*novidade*, *proximidade*, *relevância*, *notabilidade*, *inesperado*, *conflito/controvérsia*, *morte*, *notoriedade* e *tempo*), é possível perceber que eles procuram identificar a prática da busca por acontecimentos que desviam de uma normalidade do mundo. A inversão, o excesso e a falha operam em relação a quê? Estão relacionadas a esse mundo invisível, esperado, notoriamente ordenado, do qual se espera a manutenção. Assim também operam os já citados valores-notícia de construção. A narrativa jornalística deve obedecer consensualmente a um repertório anterior de histórias relatadas, de modo a não confundir o leitor e ‘clarificar suas ideias’, ajudando na compreensão lógica dos fatos com discurso simplificado e dramatizado tanto quanto possível para amplificar os efeitos dos eventos singulares. A ideia de progressismo ordenado, ação normatizante sobre o caos é própria do esforço

heróico. No entanto, vamos destrinchar esses elementos com imagens trazidas pelo nosso corpus.

Dentre esse mundo caótico, plural e complexo, o discurso jornalístico “surge para organizar a experiência do aleatório e lhe conferir racionalidade” (RODRIGUES, 1993, p. 33). Os eventos fascinantes (BENETTI, 2009) que habitam o jornalismo operam, grosso modo, tal qual o *punctum* de Barthes (1984). Aquele inesperado que foge à racionalidade mas que nos toca, nos punge, desde a superfície imagética da fotografia, abraça o espectador e o conduz para outro recanto de afetos. Essa imersão na memória e na sensibilidade é capaz de ressignificar totalmente o primeiro contato com a história dada. Crimes e acidentes trágicos são o ponto alto do jornalismo. Esses grandes acontecimentos nos pungem porque neles não há sentido lógico primeiro. São acontecimentos-limite que irrompem da superfície lisa e monótona da vida racional, isto é, previsível, e não suportam a aplicação de uma lógica causal (RODRIGUES, 1993).

É preciso, porém, redimensionar as consequências que essa postura traz para a visão de mundo construída pelo noticiário.

Para os não-membros da comunidade jornalística, o universo jornalístico parece ser um mundo de notícias vindas “do inferno”. A visão negativa do mundo criada pelos jornalistas radica nos valores-notícia que os profissionais do campo jornalístico utilizam na seleção dos acontecimentos do mundo real e na construção das *estórias* que contam sobre a realidade (TRAQUINA, 2002, p. 171, grifos do autor).

Os arautos denunciadores do desvio, contudo, trabalham também para compor o pano de fundo dessas inesperadas, mas certamente, futuras tragédias. Para isso, também retêm e explicam acontecimentos periféricos, não pungentes, que compõem o quadro geral da experiência compartilhada e ajudam a analisar as imponderabilidades em grandes eventos jornalísticos. Se para a morte e para as surpresas da vida não encontramos solução lógica, os problemas políticos, econômicos e sociais têm, embora difíceis, trajetórias de entendimentos mais convidativas.

Não são todos os acontecimentos que obrigatoriamente representam esses inesperados abruptos e incalculáveis. De verdade, enquanto as surpresas não brotam no mundo, parece que os jornalistas diariamente procuram pequenos casos que, destrinchados pelos discursos da mídia, são explicados, amenizados e

arquivados na memória social, servindo de argumento e repertório para análise futura das próximas histórias.

Nos 15 textos integrantes dessa análise, foi possível perceber uma preocupação em registrar principalmente as ações governamentais de controle e segurança, os números da violência e da drogadição e as declarações diplomáticas dos Estados. Os casos de maior comoção pública que aconteceram na primeira quinzena de novembro de 2011 ocuparam principalmente as manchetes visuais da capa de Zero Hora, isto é, manchetes amparadas por recurso fotográfico e cujo valor de noticiabilidade depende também da qualidade da imagem, fugindo dos critérios textuais perseguidos nesta análise. São o caso de pai e dois filhos naufragados durante quinze horas na Lagoa dos Patos em 04/11; a pena aplicada ao médico Conrad Murray pela morte de Michael Jackson na capa do dia 08/11; o choque entre seguranças do Senado e estudantes contra a aprovação do Código Florestal em 09/11; a apresentação de Ringo Starr em Porto Alegre na manchete do dia 11/11; e a implantação das UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora) no Rio de Janeiro em 14/11.

Na tabela abaixo, listamos, para visualização das temáticas abordadas, as manchetes de capa e as que acompanham o corpo das quinze matérias no interior do jornal:

**Tabela 3: Manchetes do corpus**

Dia	Manchete de capa	Manchete da matéria
1º/11	EUA retaliam Unesco por aval simbólico à Palestina	Vitória simbólica: EUA punem Unesco por apoio à Palestina
02/11	Injeção de 13º na economia gaúcha será 17% maior	Dinheiro extra: 13º salário injetará R\$ 7,5 bi no Estado
03/11	Efeito ONGs: Pente-fino afeta 121 entidade no Estado	Efeito ONGs: Varredura atinge 121 entidades no RS
04/11	Dilma propõe solução global com Bolsa-Família financiada por CPMF	Exemplo nacional: Dilma propõe Bolsa-Família global
05/11	Força-tarefa vai atacar os 25 pontos mortais das estradas gaúchas	Viagem segura: Força-tarefa para frear acidentes

06/11	Estudantes viram alvo fácil de ladrões viciados em crack	Alvo em potencial: Estudantes na mira do crime
07/11	Radiografia do vício: Crack invadiu 90% dos municípios gaúchos	Geografia do crack: Um flagelo que se alastra pelo RS
08/11	Empresas de pegágio admitem baixar tarifa para prorrogar contrato	Polêmica sem fim: Concessionárias propõem prorrogação de pedágios
09/11	ONU aponta uso militar de projeto nuclear do Irã	Perto da bomba: Agência da ONU admite Irã atômico
10/11	Senado aprova pena maior para quem dirigir após beber	Tolerância zero: Projeto amplia rigor da Lei Seca
11/11	União dá aval a novos empréstimos no RS	Margem para investir: RS recebe aval para buscar empréstimos
12/11	Fifa credencia 91 hotéis do RS para a Copa	Com chancela: Fifa publica lista de hotéis para Copa 2014
13/11	Polícia fecha cerco aos traficantes	Cerco ao tráfico: Década de maior repressão
14/11	Falhas na segurança forçam transferência de detentos da Pasc	Descontrole nas cadeias: Crescem apreensões de celulares na Pasc
15/11	Cada adolescente infrator custa por mês R\$ 9,4 mil ao RS	Preço da ressocialização: Infrator custa R\$ 9,4 mil ao mês

Tomando como exemplo o primeiro texto do corpus e reproduziremos a íntegra para ilustrar a mitocrítica realizada sobre os recursos estilísticos e os valores-notícia. Estão evidenciadas as expressões que indicam manifestações da estrutura heróica em **negrito**, os elementos da estrutura mística em *itálico*, e em sublinhado, símbolos que remetem aos esquemas dramáticos. O restante dos textos marcados está anexados e reproduzido na íntegra. Este trabalho faz um convite ao leitor para que também participe ativamente dessa análise, buscando imagens simbólicas nos textos.

O primeiro texto no período analisado discorre sobre o reconhecimento do território da Palestina como país independente por parte da Unesco. O órgão da Organização das Nações Unidas (ONU) recebe, então, a inimizade e as possíveis ameaças da não-aceitação dessa nova condição por parte dos Estados Unidos e de Israel:

Órgão da ONU perderá ajuda econômica americana após ingresso dos palestinos, decidido em Paris. Na **primeira vitória de sua batalha diplomática** para ser reconhecida como país independente, a Palestina conseguiu, ontem, a história admissão na Unesco. Embora a adesão tenha um significado principalmente simbólico, a entrada do novo membro no órgão da ONU para a Educação, a Ciência e a Cultura **foi repudiada** por Israel e EUA. **A resposta americana veio ontem mesmo:** o cancelamento de uma ajuda de US\$ 653 milhões, ou 22% do orçamento bianual do órgão. Uma lei americana proíbe o repasse de verbas a organizações da ONU que aceitem os palestinos como membros plenos. – Tínhamos de pagar US\$ 60 milhões à Unesco em novembro e não o faremos – disse a porta-voz do Departamento de Estado, Victoria Nuland. *Tensa e dramática – diferentemente do usual* –, a sessão para aprovar o ingresso da Palestina na Unesco, em Paris, *culminou com fortes aplausos* após os delegados aprovarem a reivindicação por 107 votos a favor (o do Brasil *entre eles*), 14 contra (*entre eles* EUA, Israel e Alemanha) e 52 abstenções. “A entrada da Palestina leva o número de Estados-membros da Unesco a 195”, afirmou a entidade em um comunicado após a votação. – É um **momento histórico** que devolve à Palestina alguns de seus direitos – afirmou o ministro palestino das Relações Exteriores, Riyad al-Malki. **Os israelenses reagiram afirmando** que a decisão afasta as perspectivas de um acordo de paz e que os países que apoiaram a Palestina na votação terão sua influência sobre Israel enfraquecida. EUA e Israel defendem a negociação e rechaçam decisões unilaterais sobre o conflito no Oriente Médio – como uma declaração de independência dos palestinos –, afirmando que isso só trará mais violência. *Possivelmente no dia 11*, o reconhecimento da Palestina como Estado-membro da ONU deverá ser votado pelo Conselho de Segurança do órgão (Vitória simbólica: EUA punem Unesco por apoio à Palestina. Zero Hora, 1º/nov/2011. p. 20).

O acontecimento é tratado como “vitória na batalha histórica”, enfatizado repetidamente com a expressão “momento histórico” confirmada pela fala escolhida da fonte. Também está presente o posicionamento forte dos norte-americanos e dos israelenses com suas respostas de repúdio. Essa imagem bélica nos remete ao esquema heróico do imaginário, que se relaciona com uma visão de poder sobre o mundo, relações verticais, símbolos espetaculares do confronto e na afirmação de existência pela negação do outro. Com esse rastro podemos identificar também a maneira como é descrito o momento tenso e dramático, ele é “diferente do usual”, essa é sua condição de existência. Um segundo momento nos revela que o posicionamento dos países, embora acirrado, não se destina ao confronto, pois “defendem a negociação e rechaçam decisões unilaterais”, ou seja, se aproximam

da ideia da coexistência pacífica, instauradora do imaginário dramático. Essa situação de posicionamentos que ora se confrontam ora se harmonizam nos remete à ideia da *coincidentia oppositorum*. Os critérios de noticiabilidade desse texto envolvem claramente a notoriedade, a relevância social e o conflito, invocando, mais uma vez, os teores simbólicos esquizomorfos. Sobre os valores de construção, embora o texto trate com simplicidade a questão, como é próprio do noticiarismo, encontramos a possibilidade aberta de um tom dramático na ordem de narração, ao momento que os países, personalizados nos atos de suas autoridades diplomáticas, incorporam opiniões e ameaças.

Procedemos uma divisão temática entre as matérias, com o intuito de aproximar os valores-notícia e colocar lado a lado as imagens provocadas pelos textos sobre assuntos similares. Nossa divisão então agrupou os artigos nos seguintes grupos:

**Tabela 4: Temáticas do corpus**

Dia	Temática geral	Temática	Manchete da matéria
1º/11	Diplomacia	Política internacional	Vitória simbólica: EUA punem Unesco por apoio à Palestina
02/11	Índices econômicos	Economia – nível estadual	Dinheiro extra: 13º salário injetará R\$ 7,5 bi no Estado
03/11	Violência e desvios	Ação de fiscalização – nível federal	Efeito ONGs: Varredura atinge 121 entidades no RS
04/11	Diplomacia	Política internacional	Exemplo nacional: Dilma propõe Bolsa-Família global
05/11	Violência e desvios	Ação de fiscalização – nível estadual	Viagem segura: Força-tarefa para frear acidentes
06/11	Violência e desvios	Combate à criminalidade – nível estadual	Alvo em potencial: Estudantes na mira do crime
07/11	Violência e desvios	Combate à criminalidade – nível estadual	Geografia do crack: Um flagelo que se alastra pelo RS



08/11	Índices econômicos	Economia – nível estadual	Polêmica sem fim: Concessionárias propõem prorrogação de pedágios
09/11	Diplomacia	Política internacional	Perto da bomba: Agência da ONU admite Irã atômico
10/11	Violência e desvios	Ação de fiscalização – nível federal	Tolerância zero: Projeto amplia rigor da Lei Seca
11/11	Índices econômicos	Economia – nível estadual	Margem para investir: RS recebe aval para buscar empréstimos
12/11	Índices econômicos	Economia – nível estadual	Com chancela: Fifa publica lista de hotéis para Copa 2014
13/11	Violência e desvios	Ação de fiscalização – nível estadual	Cerco ao tráfico: Década de maior repressão
14/11	Violência e desvios	Ação de fiscalização – nível estadual	Descontrole nas cadeias: Crescem apreensões de celulares na Pasc
15/11	Violência e desvios	Combate à criminalidade – nível estadual	Preço da ressocialização: Infrator custa R\$ 9,4 mil ao mês

Percebemos que as grandes temáticas abordadas nos remetem à clássica divisão editorial dos jornais tradicionais, a saber, polícia, economia e política internacional, e essa manifestação não é por acaso. Os mitemas presentes na prática profissional do jornalismo transbordam do texto e instalam uma lógica pragmática própria: se os valores-notícia recortam uma visão específica de mundo, eles também irão embasar as grandes temáticas às quais os jornais se remetem diariamente.

A seguir, problematizaremos as metáfora obsessivas utilizadas nas três temáticas principais dos textos do corpus, relacionando-as com os valores-notícia de seleção e de construção anteriormente abordados.

### 5.1.1. Violência e desvios cotidianos

Olhar sobre as temáticas abordadas nos permite perceber que a grande maioria das matérias – oito dentre as quinze – aborda os problemas relacionados à fiscalização de crimes e desvios e aos efeitos da violência, tanto regional quando nacionalmente. Esses temas estão relacionados aos efeitos das infrações à lei, da criminalização e da drogadição na sociedade. É notório que a temática traga vários assuntos de interesse público, preconizados nos valores-notícia, tais como a *relevância* – pois falam sobre e para o nosso tempo sobre boa *quantidade* de pessoas envolvidas, tanto infratores quanto vítimas – os números de *morte* e o *conflito* violento.

Embora não configurem propriamente tema inédito, a *novidade* está nos dados fornecidos a respeito, por exemplo, do gasto com a manutenção das prisões, do tráfico no estado, dos projetos de lei (PL) e das ações da polícia. O destaque em todas as matérias sobre criminalização – mais da metade do corpus – foi dado ao agente fiscalizador, enfatizando o papel do Estado como agente de segurança pública e acusando suas *falhas* e *excessos*, neste caso, na boa notícia do crescimento de apreensões.

A preocupação, no entanto, não pareceu integrar problemáticas sociais, complexificando os motivos da tomada de caminho errônea desses sujeitos praticantes de desvios de conduta. Essa abordagem estaria mais próxima de uma dramatização do tema, questão raramente encontrada no jornalismo de *hard news* diário. Os comentários, geralmente matérias frias opinativas, costumam brotar depois de um primeiro momento de revelação e de manchetes. “O ritmo de trabalho jornalístico exige uma ênfase sobre acontecimentos e não problemáticas” (TRAQUINA, 1993, p. 175). É difícil o jornalista, trabalhando na cobertura noticiosa diária, ter condições de elaborar questões mais complexas referentes a um assunto enquanto está subordinado a uma série de constrangimentos organizacionais.

Esse conhecimento integral da situação que é atribuído à fiscalização pública nos remete aos simbolismos da dominante postural, que inaugura o imaginário combativo e dominador sobre as contradições da realidade social. Há uma reprodução da crença no olho urânico, do ideário da visão a distância e em

totalidade, capaz de coibir as infrações e instaurar de volta a paz. O olho que tudo vê tem relação com os símbolos espetaculares da sapiência divina, aliando os personagens fiscalizadores do estado com os deuses sob cuja égide descansam em paz os fieis (DURAND, 1997).

Somente duas matérias, sobre a varredura nas ONGs e sobre o PL da Lei Seca, tratam de ações governamentais sob responsabilidade do governo federal. Das três únicas matérias de política internacional que ganharam evidência no período, duas discorrem sobre as possíveis consequências da fabricação de armas nucleares no Irã e a reação dos EUA sobre o apoio da Unesco à Palestina, e a outra sobre a postura da presidenta Dilma Rousseff em encontro do G-20. Além da *notoriedade* dos agentes políticos, fica claro que o valor da *proximidade* é um critério decisivo para as pautas da Zero Hora. Como destaca inclusive o Guia de Autorregulamentação Jornalística da RBS (2011), afirmando que os veículos da empresa valorizam o localismo como um fator prioritário em seus conteúdos jornalísticos em suas manifestações culturais, sociais, políticas, econômicas e esportivas. De certa maneira, ao enfatizar radicalmente o regionalismo em suas abordagens – nunca deixando inclusive de adjetivar os sujeitos e gaúchos quando nascidos no Estado – as produções do jornal replicam uma imagem identitária construída na diferenciação do outro, na afirmação autística das características próprias. A atitude, relacionada à postura heróica que evita a mistura, a confusão entre as partes, obedece um princípio de exclusão primário: as notícias interessantes que não contemplam a realidade dos gaúchos interessam menos ao nosso leitor e, portanto, ganharão menos espaço.

### **5.1.2. Índices econômicos e sensoriais**

O assunto econômico aparece em quatro matérias durante o período, todos considerando os impactos de restrições ou estímulos financeiros do governo federal no Rio Grande do Sul: seja recebimento do 13º salário, prorrogação dos acordos com concessionárias de pedágios, empréstimos permitidos ao Executivo gaúcho ou ainda a lista da Fifa com indicações dos hotéis para a Copa de 2014. Sem exceção,

são matérias que também interessariam se fossem abordadas com maior amplitude na área de impacto, quer seja a Região Sul ou o país. Ainda, há o privilégio nessas narrativas das projeções estatísticas, das aproximações no tempo que pretende reaver situações anteriores ou desenhar paisagens futuras. A análise embasada nessas numerações excessivas enfatiza a sensação à distância, própria da estrutura heróica, da certeza das projeções e da racionalidade como maneira de adiantar o futuro. No entanto, essas aproximações são expressas no texto muitas vezes por meio de conjecturas que evocam uma sensorialização do tempo, como podemos perceber nos seguintes trechos:

O pagamento do 13º salário deve injetar até dezembro cerca de R\$ 7,5 bilhões na economia gaúcha. [...] Estima-se que 85% desse valor será absorvido imediatamente na forma de compras para o final de ano, gastos com pacotes de férias ou em pagamento de dívidas. [...] No país, o pagamento de 13º salário deve colocar R\$ 118 bilhões na economia brasileira, valor que representa 2,9% do PIB. Cerca de 78 milhões de pessoas serão beneficiadas – 5,4% superior ao verificado em 2010. No ano passado, a estimativa do Dieese era de que R\$ 102 bilhões seriam injetados na economia em 2011, com o 13º salário, projeção 15,6% menor ao número divulgado ontem (Zero Hora, 02/nov/2011. p. 17).

O uso dos tempos verbais incertos nos aproxima de uma possibilidade futura, que dá ao tempo uma alternativa entre o ser e o não ser. O uso do tempo presente no jornalismo – que produziria uma frase “o pagamento do 13º salário injeta até dezembro” e “o pagamento do 13º salário coloca R\$ 118 bilhões na economia brasileira” – é, dessa vez, desconsiderado. Assim também surge a sensação de incerteza através das expressões “estimativa”, “estima-se”, “projeção”, “deve subir” presentes em todos os textos sobre economia do corpus. “Até 2014, o número de leitos deve subir para 21,5 mil, porque há quatro empreendimentos em construção e outros 16 em projeto” (Zero Hora, 12/nov/2011. p. 16).

Ao mesmo tempo em que temos a confiança nas projeções numéricas, a maneira de colocar esses dados no texto sempre traz a sensação da proximidade, da analogia, ligando o que *deve* ser ao que *pode* ser, de certa forma quebrando um pouco a postura ereta da convicção econômica e trabalhando com as aproximações que ligam (estrutura dramática) e chegam a confundir (estrutura mística) as projeções das observações reais acerca dos fatos do presente. O discurso do noticiário econômico parece estar num outro lugar que o do jornalismo científico. Não são os dados das pesquisas pareceres absolutos a respeito das manifestações da natureza, ou ainda, explicações que podem servir de base para compreender

outros fenômenos. Desse mar de númerosca que o jornalista tem acesso, deve sair uma história, um discurso que fale sobre e para pessoas. A narrativa jornalística é de difícil produção quando lida com números porque a princípio esses dados, frutos da mais distante abstração acerca da matéria, é difícil de ser *personalizada* e *simplificada* no texto jornalístico. Apela-se, então, para uma certa *dramatização* dos números, através da qual eles dizem mais do que podem dizer. Os percentuais entregues pelas assessorias de imprensa dos institutos de pesquisa servem como dados primários para o jornalista conjecturar, supor, relacionar (ou procurar a fonte que o faça) dados anteriormente conhecidos pelo público, como momentos anteriores da economia interna, para criar narrativa *consonante*, que significa, para o leitor. Essa é a maneira que tem o profissional da comunicação de transmutar os dados científicos elaborados por fórmulas e computadores e *amplificar* seus efeitos para a realidade experienciada coletivamente nas ruas, no comércio, para o indivíduo que vai sofrer em sua vida particular e comunitária os impactos das novidades das ações econômicas governamentais.

### 5.1.3. Dramas e personagens diplomáticos

Temos ainda três textos do corpus que falam sobre eventos internacionais. Nessa temática é interessante perceber como os sujeitos ganham destaque no papel de representantes de toda uma nação e ainda, como muitas vezes, o jornalista trata os encontros diplomáticos como verdadeiros encontros prosopopeicos. A política, maximizada na face da política internacional, facilita a *personalização* das nações em pessoas. Os países são personificados em seus representantes maiores: as manchetes falam de “resposta americana”, “os israelenses reagiram” (Zero Hora, 1º/nov/2011. p.20), “Estados Unidos e Israel esperavam para aumentar ainda mais a pressão sobre o país dos aiatolás”, e “O Ocidente e os EUA exercem uma pressão sobre o Irã” (Zero Hora, 09/nov/2011. p. 26).

Uma vez personalizados, esses agentes integram outras lógicas que não as da nação como personagem coletivo, plural e folclórico. Esses coletivos, reduzidos

nessa metáfora em determinados sujeitos, sentem, travam guerras ideológicas e entram em contradições, como podemos ver respectivamente nos exemplos abaixo:

Embora a adesão tenha um significado principalmente simbólico, a entrada do novo membro no órgão da ONU para a Educação, a Ciência e a Cultura foi repudiada por Israel e EUA. [...] Tensa e dramática – diferentemente do usual –, a sessão para aprovar o ingresso da Palestina na Unesco, em Paris, culminou com fortes aplausos após os delegados aprovarem a reivindicação por 107 votos a favor (o do Brasil entre eles), 14 contra (entre eles EUA, Israel e Alemanha) e 52 abstenções (Zero Hora, 1º/nov/2011. p. 20).

É interessante evidenciar como é elaborada a personagem-presidenta Dilma Rousseff quando esta traz exemplo de ação realizada no Brasil:

Diante dos líderes dos 20 países mais ricos do mundo, a presidente Dilma Rousseff ofereceu ontem sua receita para resolver a crise global [...] A fórmula está ancorada em duas experiências brasileiras [...] Na prática, a presidente apoiou ideia da Organização Internacional do Trabalho (OIT) inspirada no fundo global para combater a pobreza [...] a proposta de Dilma sustenta a tese da OIT de que um piso de renda global “não é filantropia, mas é uma rede de proteção mundial fundamental para enfrentar a crise e que tem um efeito inequívoco contra a crise”. (Zero Hora, 04/nov/2011. p. 20)

Dilma é a provedora, aquela que disponibiliza, propõe, apoia, sente inspiração, sustenta. A presidenta alia-se ao imaginário da mãe que nutre, que provém e acalma. Isto é, enquanto o texto jornalístico fala desse assunto dura das relações diplomáticas do G-20, grupo dos países mais ricos do mundo, o tratamento dado à personagem principal do texto é amenizado, sensorializado. A *estrutura mística* que opera no discurso sobre a ação de Dilma ainda está aliada a outra imagem: Dilma representa não só a nação brasileira, mas a maioria do público leitor desse jornal. De que maneira a audiência dessa matéria recebe esse relato sobre o acontecimento? A imagem aliada a ela através do texto é diversa do representante da nação firme, convicta e ameaçadora, como é a do presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad, que:

[...] também se antecipou ao anúncio da AIEA e disse que o país não precisa da bomba atômica para enfrentar Washington e seus aliados. – Podemos alcançar nossos objetivos usando o pensamento, a cultura e a lógica. Se os Estados Unidos querem fazer frente à nação iraniana, vão se arrepender com a nossa resposta (Zero Hora, 09/nov/2011. p. 26).

A opção pela imagem mística da mãe também está presente no próprio recorte temático feito pelo texto: a participação de Dilma na reunião foi resumida ao oferecimento da proposta do Bolsa-Família em proporções globais como maneira de ressignificar as taxas sobre operações financeiras. A mágica operada pela personagem – que realizou, na prática, seu intuito no território brasileiro – transforma

a matéria dura dos impostos em matéria aliada a adjuvantes térmicos, gustativos, calmos, adesivos. A mãe que nutre é a mãe que ama.

Quando há a presença de personagens conflituosos, como nas matérias de 1º e de 8 de novembro de 2011, a cobertura da política internacional ultrapassa a imagem amparadora da criação materna. Os personagens são masculinizados, combativos e ameaçadores. Nos dois casos tivemos a ONU e a Unesco, órgãos internacionais coletivos, estudando características de países geralmente tratados pela imprensa internacional de grande circulação (como na Europa e nos Estados Unidos) como territórios ameaçadores, o Irã e a Palestina. Em contraste, nas duas histórias está o posicionamento norte-americano de confronto, de não recebimento aos dois países. As matérias utilizam recursos estilísticos que evocam a dramaticidade das ações, adjetivando com veemência os anúncios diplomáticos: “É um momento histórico que devolve à Palestina alguns de seus direitos – afirmou o ministro palestino das Relações Exteriores, Riyad al-Malki (Zero Hora, 1º/nov/2011. p. 20)” ou ainda “Finalmente revelado, o relatório da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) (Zero Hora, 09/nov/2011. p. 26)”.

Dentre esses dois pólos de união e desunião, os dois textos sistematizam esse processo dramático da diplomacia num imagem ambígua. A situação incerta está dividida entre dois entes que coexistem: a admissão da Palestina na Unesco e a oposição norte-americana e israelense frente à situação, ou, na outra matéria, o programa nuclear iraniano e a oposição novamente dos EUA. Porém essa coexistência não é pacífica, não existe aqui, como são as imagens dramáticas ou sintéticas, uma “harmonização dos contrários” (DURAND, 1997, p. 346). A coincidência entre as duas posturas é combativa, pretende a exclusão do outro, a separação do que é certo e do que é errado. Temos os Estados Unidos como personagem de um lado que impede a ‘ascensão’ da Palestina à Unesco e do Irã ao programa nuclear nacional. Imagens que se comunicam com a “primeira vitória de sua batalha diplomática”, “a Palestina conseguiu [...] a história admissão na Unesco” (Zero Hora, 1º/nov/2011. p. 20), ou ainda, a conquista do “país vem dominando cada vez mais a tecnologia para a fabricação deste tipo de armamento” (Zero Hora, 09/nov/2011. p. 26). Essa reação, fortemente enfatizada nas narrativas, conjuga com as imagens da estrutura heróica.

## 5.2. IMPLICAÇÕES IMAGÉTICAS DOS TEXTOS JORNALÍSTICOS

Alguns recursos utilizados na elaboração dos textos jornalísticos criam consequência no aspecto imaginário que nem autores, nem leitores poderiam prever.

Podemos começar percebendo a repetição que é própria do texto jornalístico. As frases de abertura das matérias geralmente contém informações que são repetidas duas ou até três vezes no interior do texto. O estilo de redação geralmente se utiliza de metáforas para executar essa repetição. Trazemos aqui apenas um exemplo para não tornar nosso texto também repetitivo, mas vários outros exemplos podem ser encontrados no corpus reproduzido em anexo e nos artigos da imprensa diariamente.

Ao eleger o tráfico de drogas como principal crim a ser combatido, as forças policiais gaúchas alcançaram em 2011 a maior média diária de prisões de traficantes dos últimos 10 anos no Estado. Se o ritmo de janeiro a outubro for mantido, mais de 8 mil traficantes devem parar na cadeia até o final do ano, cerca de 48% deles capturados em municípios das regiões Metropolitana e Serra às margens da rodovia Porto Alegre-Caxias do Sul (BR-116). Os números já apontam para a maior média diária de prisões desde 2002 (AMORIM, Francisco. Cerco ao tráfico: Década de maior repressão. Zero Hora, 13/nov/2011. p. 4, grifos meus).

Essa repetição nos reporta a uma viscosidade das informações e nos 'impregna do texto'. O leitor que aprecia um jornal – e mais fortemente, o impresso, pela ajuda imagética da disposição gráfica dos conteúdos – não vive a mesma experiência do leitor de literatura. A expectativa em relação à audiência por parte dos jornalistas é de que estes saibam que o referente daquela mensagem deve ser, certamente, consequência da observação do real. Num segundo momento, diríamos que desse leitor se espera uma leitura mais atenta e com intenção prioritariamente informativa. As opções do jornalismo em construir um texto conciso, simples e de fácil entendimento passam por esse esforço em fazer com que e *engula* o seu texto. A relação corporal instaurada pela repetitividade das informações nos leva a um momento de abdução em que o texto jornalístico possui o leitor.

O uso cuidadoso das aspas funciona como um ritual estratégico de objetividade (TUCHMAN, 1993). As aspas protegem o jornalistas dos riscos da afirmação, próprios de sua profissão, tais como processos difamatórios e



reprimendas dos chefes de redação, mas, ainda, ajudam a atender os prazos de entrega do material. Simbolicamente, o uso contínuo de declarações diretas das fontes nos textos reproduz duas imagens: como citado anteriormente, uma relação *heróica* com o fato narrado, que se repete de maneira inócua e quase laboratorialmente separada do agente escritor. Com o uso da citação direta o jornalista aponta “isto foi”, tal como requeriria o entendimento indicial da fotografia por um Barthes à procura da mãe (1984).

No entanto, é interessante perceber a dupla conotação da fala das fontes. O jornalista, no seu trabalho científico de decupagem das suas sonoras, escolhe as que interessam ao texto. Foi possível perceber que nas reconstituições de acontecimentos dos textos de Zero Hora, a fala dos sujeitos-testemunhas, que falam no intuito de, criando uma nova história através das palavras, simular, cria imagem análoga à do momento experienciado – como fica claro nos casos das vítimas de assaltos próximas ao ambiente escolar (citação abaixo). A contação de história, que muitas vezes é relacionada ao trabalho do repórter, é muitas vezes devolvida por ele a suas fontes através de uma retribuição parcial das potências da fala. O uso de um sensorialismo se aproxima da condição *mística* das imagens que nos penetram quando reencenadas, repetidas, nos emocionam e, assim, comunicam.

Essa sensação é bastante reproduzida quando o autor escolhe usar as citações intercaladas com a cena contada pelo jornalista para reconstituir as cenas. Muitas vezes finalizando com uma fala da fonte o seu próprio texto, ou seja, repassando toda a imagem conclusiva de seu pensamento para esse sujeito relator, que está dividindo sua experiência. O apelo ao aspecto emocional na matéria sobre a criminalidade chegando às escolas de classe média é evidente:

– Entra nessa rua – ordenou o criminoso, pressionando o revólver na cintura da aluna. Ele determinou que a adolescente entregasse a mochila escolar, onde imaginava que se encontravam objetos de valor. Tinha razão: Paula carregava, além de cadernos e livros, um celular e um aparelho de MP3. A adolescente ainda implorou: – Deixa eu ficar com os livros, por favor. Tenho prova amanhã. O bandido tirou os livros da mochila, mas, antes de sair correndo, arrancou uma corrente de outro que a vítima trazia no pescoço – presente da família pelo aniversário de 15 anos [...] – Eles disseram que se eu chorasse ou demonstrasse qualquer reação, iriam atirar em mim de dentro do ônibus mesmo – recorda a vítima. Quando os bandidos enfim partiram, ela ao menos pôde cair no choro. Aí teve uma segunda surpresa: nenhuma das pessoas que estavam na parada e perceberam o ataque à adolescente se aproximou para prestar qualquer auxílio. Em prantos, esperou outro ônibus e se *refugiou* na casa da avó: – Eu chorava bastante e ninguém me ajudou. Não cheguei a ficar traumatizada, mas hoje tomo muito

mais cuidado (GONZATTO, Marcelo. Alvo em potencial: Estudantes na mira do crime. Zero Hora, 06/nov/2011. p. 28-29).

Em outro aspecto, no entanto, o esforço do jornalista aqui é de mostrar uma fala limpa, aparentemente sem mediadores, direta da fonte. Mas os processos de produção dessas notícias não é de fato exteriorizado. No entanto, é preciso sempre lembrar que as notícias são o resultado de uma interação social.

[...] onde a natureza da realidade é uma das condições, mas só uma, que ajuda a moldar as notícias. As notícias também refletem 1) os constrangimentos organizacionais; 2) as narrativas que governam o que os jornalistas escrevem; 3) as rotinas que orientam o trabalho e que condicionam toda a atividade jornalística; e 4) as identidades das fontes de informação com quem falam. (TRAQUINA, 2001, p. 122)

As notícias aproximam-se mais de pequenas narrativas que se prestam a uma reconstituição aproximada, mas que são veiculadas de “forma indexical” (TRAQUINA, 1993, p. 176). Embora tenham a propriedade de falar não somente dos temas explorados, mas de sua forma de produção, vêm a público como parte de grande mosaico de histórias onde é criada uma ordenação artificial dos episódios. Não sabemos, por exemplo, neste tipo de matéria, de que maneira se deu a entrevista com as fontes, ou ainda, como foram feitas as perguntas.

Essa problemática reaviva questões relacionadas às imagens heróicas da dominante postural por pretenderem um tratamento isento e direto das falas coletadas. Na verdade, tanto leitor quanto outros profissionais, podem depreender do texto que conversas como esta, que discorrem sobre um acontecimento narrando seus detalhes foram, certamente, fruto de uma interação entre seres humanos, jornalista e fonte, e que, portanto, é impossível desarticular dessa narração a influência do repórter – e da imprensa em geral como interlocutor do sujeito que narra sua experiência. Esse recurso de apresentação direta do texto separa os dos sujeitos responsáveis pela matéria, colocando em posição superior o repórter que, já tendo conhecimento do acontecimento, nos relata inclusive com argumentos que atesta a realidade, quais sejam, as falas da fontes (TUCHMAN, 1993).

A apresentação das fontes nos coloca, ainda, num universo de atestações, de identidades, maneira de hierarquização dos sujeitos.

Os R\$ 7,5 bilhões terão como destino, prioritariamente, o consumo imediato, afirma Alfredo Meneghetti Neto, economista da Fundação de Economia e Estatística (FEE) e professor da PUCRS (Zero Hora, 02/nov/2011. p. 17).

– Fomos pegos de surpresa e precisamos avaliar o impacto. Mas, estamos tranquilos por estarmos fazendo tudo certo – afirmou a diretora administrativa da instituição, Márcia Diehl (COSTA, Fabiano; SCHAFFNER, Fábio. Efeito ONGS: Varredura atinge 121 entidades no RS. Zero Hora, 03/nov/2011. p. 4).

Escolhendo entre uma ou outra possível fonte ou história, o jornalista revela os modelos culturais aos quais estão submetidos. “Fontes e jornalistas operam com padrões culturais, que são quadros ou modelos de como se vê o funcionamento da sociedade” (SANTOS, 2003, p.39). A intensa exploração da temática da violência contra, principalmente, sujeitos da classe média Porto Alegre já nos revela certos valores e preocupações a respeito do jornalismo praticado no jornal Zero Hora. O uso, em larga escala, das fontes institucionais no jornalismo, prevê uma maior confiabilidade nos relatos anotados. Quem fala é o dirigente da instituição, o especialista, o pesquisador. As ‘pessoas comuns’ – que podem ser somente identificadas com o primeiro nome e idade – geralmente falam de experiências vividas, relatos de suas vidas individuais. Essa atribuição de confiabilidade às declarações de sujeitos – e mesmo à idade no caso dos testemunhos – privilegiam aqueles que ‘sabem falar’. As instituições que se valem de um corpo de assessoria, os chefes de departamento que regulam o trabalho de seus subordinados, ou seja, fariam sobre e em nome de muitas pessoas.

Essa forma de pensamento reitera diariamente a lógica da representatividade, da parte pelo todo, da distinção entre o superior e o inferior hierarquicamente. Além dos efeitos sociais decorrentes dessa manifestação, podemos dizer que essas imagens verticais e poderosas oneram o texto de sujeitos de poder idealizados, heróicos. À parte da realidade das vítimas, está a polícia e seu chefe, que têm controle sobre a situação e sabem nos informar sobre ela. Assim, também ficam à parte – e acima – os relatórios da ONU sobre a pesquisa nuclear no Irã, os números da economia, as investidas científicas.

## CONCLUSÕES

Como qualquer narrativa, o discurso jornalístico quer provocar o desejo de ser lido, e a empresa jornalística reitera a necessidade de obter audiência. A linguagem jornalística e o saber de narração do profissional dirigem-se, portanto, para este fim. O jornalista parece reproduzir na idade contemporânea a antiga prática cultural de repassar histórias sobre acontecimentos verídicos e, aliados a esses relatos, suas impressões e estereótipos ficam também registrados no tempo.

Ao mesmo tempo, somente é possível ao jornalismo reproduzir o papel do contador de histórias quando ao profissional ou à organização que assina os conteúdos são atribuídas imagens de confiança. Para atingir esse fim, uma série de valores atribuídos à prática noticiosa diária podem explicar um pouco do funcionamento dessa maneira de ver e eleger os assuntos do mundo.

A notícia, no entanto, como expressão cultural desse sujeito, jamais deixa de configurar também um registro simbólico. Compreender a notícia como narrativa mitológica significa permitir que dela brotem sentidos outros que a simples relação linear da identidade, da contradição, da causa. Também emanam do texto, e principalmente o jornalístico pela base enfática em relatos da realidade comum, imagens a respeito dos sujeitos e dos acontecimentos que falam não somente dos valores da empresa jornalística, mas também do sujeito-autor, das fontes primárias do texto, e, envolvendo todo esse corpo de relações, os valores culturais da sociedade.

Quase a totalidade das matérias analisadas neste trabalho teve como base algum acontecimento relacionado a ações de instituição políticas ou pesquisas que tentavam explicar as características de determinada situação. Nos textos do intervalo de tempo escolhido, como referenciado anteriormente, não testemunhamos nenhuma tragédia comovente, o que levou, como resultado, à coleção de manchetes frias presentes no corpus. Os assuntos abordados nesse período foram acontecimentos *normais*, alheios às grandes tragédias ou ao que muitas vezes move – e financia o jornalismo – os eventos fascinantes.

Pensando o jornalismo com a ajuda da Teoria Geral do Imaginário, podemos relacionar imagens e tratamentos com possíveis consequências antropológicas desse fazer. Explorando o julgamento jornalístico, percebemos que as escolhas que compõem o noticiário trabalham numa lógica de distinção, de separação entre o que interessa e o que não interessa. Essa condição de existência é dependente da oposição entre duas instâncias qualitativas dos acontecimentos, fazendo com que o comportamento simbólico dos critérios substantivos de noticiabilidade se aproximem das imagens da estrutura heróica do imaginário. As consequências desse comportamento nos remetem a uma ideia totalitarista que separa certo e errado e, impede a maleabilidade desses critérios. É comum encontrarmos casos em que a atitude da imprensa foi claramente errada em sentidos éticos, mas esses critérios embaixadores da pesquisa jornalística – aliados à coerção temporal, que também define teoricamente as estruturas do imaginário – impediu um questionamento mais complexo a respeito do tratamento dos temas.

Num aspecto mais amplo, o papel social do jornalista também remete às imagens da estrutura heróica, evidenciadas na imagem da luta: nos símbolos de ascensão (leva para a luz e para o alto/proximidade dos jornalistas dos ícones de “poder” na sociedade como políticos, autoridades e celebridades), nos símbolos espetaculares (diz respeito à luz, ao luminoso/evocando a percepção do palco público, na mídia, na clareza nas evidências e no tratamento dos fatos, da objetividade como ritual estratégico) e nos símbolos diaréticos (distinção cortante entre o bem e o mal/aspecto detetivesco e purificador do trabalho jornalístico como investigador que tira as vendas que encobrem a verdade e os corrompimentos do poder e da ordem).

A contribuição que esperamos desse trabalho é que cada vez mais no âmbito da produção de jornalismo, o repórter se permita perceber essas manifestações simbólicas registradas no seu texto e saiba tratá-las com responsabilidade. É importante ressaltar que a propriedade simbólica do homem é exatamente sua porta de saída, sua opção *outra* que não o pensamento linear, causal e simplista. Abrir espaço para o uso mais consciente dos símbolos jornalísticos não é aderir a uma ficcionalidade que mancharia a objetividade da imprensa, mas sim, possibilitar a ela uma alternativa de comunicação. O homem que sai da lógica causa-consequência do plano físico, isto é, abre sua possibilidade de contextualização ao amplo

complexo do pensamento, adentra ativamente na cadeia de produção contínua dos símbolos e, assim, responde com mais propriedades às inquietações com as quais vive cotidianamente: as suas e as dos sujeitos fontes e leitores. Se a ética privilegia a ação que prevê redução de danos embuída de um noção de devir, a ética jornalística deve preconizar a responsabilidade que suas palavras – impregnadas de pragma, numa primeira avaliação, mais que qualquer tratado filosófico – falam em imensa quantidade e peso rítmicos sobre o mundo.

É importante lembrar que a já antiga ideologia da objetividade acaba por reforçar uma ingênua crença no empirismo científico que, aplicado no campo da comunicação, já se mostrou por inúmeras vezes incompleto e impreciso. O jornalista que fala da vida humana tem que ser fluente na língua de seu interlocutor: é preciso aderir à complexidade dos sujeitos para realmente falar sobre e para eles. No entanto, esse esforço não significa a perda da simplicidade no texto, mas sim, a perda da superfície simplória dos discursos jornalísticos.

É preciso, no entanto, lembrar que os símbolos sempre procuram equilibrar-se para manter a tranquilidade sobre o assunto contra o qual lutam, a morte. Necessário então lembrar ao jornalista, que está tão imerso nesse contingente autista, idealístico, que outras esferas de abordagens são possíveis. Uma vez que não procure as potências benéficas dessas imagens, os recursos do drama e do realismo sensorial místico podem adentrar os discursos de forma inpensada e, por conseguinte, irresponsável. Assumir essa característica possível e necessária à narrativa é um elogio ao trabalho jornalístico. O texto jornalístico que sabe conceder espaço à emoção, ao sutil, à informação não racionalizada, permite ao leitor participar mais ativamente desse momento relatado e, assim, compreender profundamente o drama da mãe das vítimas, as consequências de um desastre natural, a tragédia política-econômica de um país e questionar seus porquês, e tantos outros assuntos recorrentes nas páginas da imprensa.

Ademais, o jornalista ainda é aquele cidadão mais próximo do indivíduo comum que, ainda assim, tem acesso ao presidente, ao artista, ao ídolo, e mais, conversa com eles em tom de igualdade. O jornalista incorpora o trabalho não-monótono, não regulado pelo relógio. A surpresa da declaração, a revelação do inesperado, a chave da investigação, são símbolos que os jornalistas dividem com os detetives e os românticos investigadores da literatura clássica. Porque, se o papel

heróico que a cultura profissional faz aderir ao jornalista se justifica e se comprova de alguma maneira, é somente na possibilidade de que este repórter promova, mesmo que de maneira singela mas cotidiana, a liberdade dos sujeitos e a aceitação da diferença no contexto da democracia.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. Comunicação e imaginário – uma proposta metodológica. In: **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v.33, n.2, jul./dez. 2010.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: Nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENETTI, Marcia. Jornalismo e imaginário: o lugar do universal. In: MARQUES, Ângela; COSTA, Caio Túlio; COSTA, Carlos; COELHO, Cláudio Novaes Pinto; KÜNSCH, Dimas; BUITONI, Dulcília, et al. **Esfera Pública, Redes e Jornalismo**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

BIRD, S. Elizabeth; DARDENNE, Robert W. Mito, registo e ‘estórias’: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1993.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e Verdade**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

COSTA, Caio Túlio. **Ética, jornalismo e nova mídia**: uma moral provisória. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

DEMENECK, Ben-Hur. Objetividade e jornalismo literário: um conceito em construção. In: **X Congresso ALAIC "Comunicación en tiempos de crisis - diálogos entre lo global y lo local"**, 2010, Bogotá. Anais do Congresso ALAIC, 2010.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1995.

\_\_\_\_\_. **As estruturas antropológicas do imaginário**: Introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **O imaginário**. Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.



ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

GRUPO RBS. **Guia de ética e autorregulamentação jornalística**. Porto Alegre: RBS Publicações, 2011.

\_\_\_\_\_. **Quem somos**. Disponível em: <[http://www.gruporbs.com.br/quem\\_somos/index.php?pagina=grupoRBS](http://www.gruporbs.com.br/quem_somos/index.php?pagina=grupoRBS)>. Acessado em: 22 abr. 2012.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo: O que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo**. São Paulo: Summus Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. **Símbolos & Narrativas: rodízio 97 na cobertura jornalística**. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, 1998.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1993.

SANTOS, Rogério. **Jornalistas e fontes de informação**. Coimbra: Minerva, 2003.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002.

\_\_\_\_\_. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

\_\_\_\_\_. **Teorias do jornalismo**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.

TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993. 2ª edição.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1993.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 5. ed. Lisboa: Presença, 1995.

## ANEXO I

Reproduzimos aqui os 15 textos que compuseram o corpus dessa trabalho e o esquema da mitocrítica feita sobre o conteúdo dos textos. A marcação observa os seguintes critérios: expressões em negrito indicam manifestações da estrutura heróica; em itálico, elementos da estrutura mística; e em sublinhado, símbolos dos esquemas dramáticos. Foram retiradas quaisquer ênfases da diagramação que diferenciavam o olho da matéria, os subtítulos e os grifos do autor, com recurso de palavras em fonte itálica ou *bold*, e corrigidos os erros gramaticais ou de digitação para fins de leitura mais atenta ao conteúdo dos textos.

## TEXTO 1

Vitória simbólica: EUA punem Unesco por apoio à Palestina. Zero Hora, 1º/nov/2011. p. 20

Órgão da ONU perderá ajuda econômica americana após ingresso dos palestinos, decidido em Paris

Na **primeira vitória de sua batalha diplomática** para ser reconhecida como país independente, a Palestina conseguiu, ontem, a história admisão na Unesco.

Embora a adesão tenha um significado principalmente simbólico, a entrada do novo membro no órgão da ONU para a Educação, a Ciência e a Cultura **foi repudiada** por Israel e EUA

**A resposta americana veio ontem mesmo**: o cancelamento de uma ajuda de US\$ 653 milhões, ou 22% do orçamento bianual do órgão. Uma lei americana proíbe o repasse de verbas a organizações da ONU que aceitem os palestinos como membros plenos.

– Tínhamos de pagar US\$ 60 milhões à Unesco em novembro e não o faremos – disse a porta-voz do Departamento de Estado, Victoria Nuland.

*Tensa e dramática – diferentemente do usual* –, a sessão para aprovar o ingresso da Palestina na Unesco, em Paris, *culminou com fortes aplausos* após os delegados aprovarem a reivindicação por 107 votos a favor (o do Brasil *entre eles*), 14 contra (*entre eles* EUA, Israel e Alemanha) e 52 abstenções. “A entrada da Palestina leva o número de Estados-membros da Unesco a 195”, afirmou a entidade em um comunicado após a votação.

– É um **momento histórico** que devolve à Palestina alguns de seus direitos – afirmou o ministro palestino das Relações Exteriores, Riyad al-Malki.

**Os israelenses reagiram afirmando** que a decisão afasta as perspectivas de um acordo de paz e que os países que apoiaram a Palestina na votação terão sua influência sobre Israel enfraquecida. EUA e Israel defendem a negociação e rechaçam decisões unilaterais sobre o conflito no Oriente Médio – como uma declaração de independência dos palestinos –, afirmando que isso só trará mais violência.

*Possivelmente no dia 11*, o reconhecimento da Palestina como Estado-membro da ONU deverá ser votado pelo Conselho de Segurança do órgão.

## TEXTO 2

Dinheiro extra: 13º salário injetará R\$ 7,5 bi no Estado. Zero Hora, 02/nov/2011. p. 17

Maior parte dos recursos *deverá ser destinada* para Natal, férias e dívidas

O pagamento do 13º salário *deve injetar* até dezembro *cerca de* R\$ 7,5 bilhões na economia gaúcha.

A cifra é **17% maior do que a do ano passado**.

Ainda de acordo com dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), **o valor representa 6,7% do Brasil e 40,9% da Região Sul**, além de ser uma fatia de 2,8% do Produto Interno Bruto (PIB) estadual. O total de trabalhadores gaúchos que receberá o 13º *foi estimado* pelo órgão em 5,36 milhões.

Os R\$ 7,5 bilhões terão como destino, prioritariamente, o consumo imediato, afirma Alfredo Meneghetti Neto, **economista da Fundação de Economia e Estatística (FEE) e professor da PUCRS**. *Estima-se que 85%* desse valor será absorvido imediatamente na forma de compras para o final de ano, gastos com pacotes de férias ou em pagamento de dívidas.

– O feriado de 15 de Novembro (Proclamação da República), que cairá em uma terça-feira, **certamente motivará** boa parte dos gastos na praia ou em celebrações com os amigos ou em família – afirma Meneghetti.

**O economista explica que** apenas 15% dos trabalhadores *deverão guardar o 13º salário*. O valor que irrigará a economia do Rio Grande do Sul é significativo, afirma Meneghetti: **equivale a seis meses de arrecadações** de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS).

Os empregados do mercado formal, celetistas ou estatutários **representam 57,5% do total** de trabalhadores que receberão o benefício, enquanto pensionistas e aposentados do Instituto Nacional do Seguro Social **equivalem a 42,5%**. O empregado doméstico com carteira assinada participa com 3,3%.

Pagamento acrescentará R\$ 118 bilhões no Brasil

No país, o pagamento de 13º salário *deve colocar R\$ 118 bilhões* na economia brasileira, **valor que representa 2,9% do PIB**. *Cerca de 78 milhões* de pessoas serão beneficiadas – **5,4% superior ao verificado em 2010**. No ano passado, *a estimativa do Dieese era de* que R\$ 102 bilhões seriam injetados na economia em 2011, com o 13º salário, **projeção 15,6% menor ao número divulgado ontem**.

Do total de pessoas que receberão o 13º salário no fim do ano, de acordo com o Dieese, 61,9% (48,3 milhões) são empregados formais e 38,1% (29,7 milhões), aposentados e pensionistas. Os empregados domésticos com carteira assinada são 2,4 milhões ou 3,1% do total.

## TEXTO 3

COSTA, Fabiano; SCHAFFNER, Fábio. Efeito ONGs: Varredura atinge 121 entidades no RS. Zero Hora, 03/nov/2011. p. 4

Na segunda-feira o governo federal baixou um decreto que suspende por pelo menos 30 dias os convênios com entidades para que seja feita uma varredura nas parcerias. **Isso não significa, porém**, que as entidades atingidas estejam sob suspeita.

Na esteira do escândalo que derrubou o então ministro do Esporte, Orlando Silva, o Palácio do Planalto suspendeu, somente do Rio Grande do Sul, convênios com 121 entidades privadas sem fins lucrativos. O valor total dos recursos que serão auditados pelo governo federal no Estado é de R\$ 173,4 milhões.

A decisão de fazer um pente-fino nos convênios firmados pelos ministérios **pegou de surpresa** entidades que contavam com o dinheiro federal para aquisição de equipamentos, realização de obras de execução de programas. É o caso do Hospital Ana Nery, de Santa Cruz do Sul, que aguarda um total de R\$ 1.908.657,46. A verba seria destinada à compra de equipamentos e também para mobília da nova ala para atendimento pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Com as paredes já levantadas, a obra de 678m<sup>2</sup>, quando concluída, irá oferecer exclusivamente para pacientes do SUS 28 novos leitos.

– *Fomos pegos de surpresa e precisamos avaliar o impacto*. Mas, estamos tranquilos por estarmos **fazendo tudo certo** – afirmou a diretora administrativa da instituição, Márcia Diehl.

De acordo com o Ministério do Planejamento, esse montante que **será auditado** no Estado já foi empenhado pelo governo. Ou seja, já havia sido separado para liberação. Isso significa que o dinheiro já foi desembolsado, pois isso ocorre durante a execução do convênio.

A Fundação de Apoio à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Faurgs) foi a entidade mais afetada pelo congelamento dos convênios. Pelo menos 52 empenhos, que chegam a R\$ 37,4 milhões e foram efetuados pelos ministérios da Educação, Ciência e Tecnologia e Desenvolvimento Agrário, serão examinados. A Faurgs, contudo, já recebeu R\$ 41,1 milhões somente este ano do governo, fruto de 330 repasses feitos por cinco ministérios.

Em todo o Estado, o Ministério do Planejamento registrou 279 repasses que passarão pelo pente-fino. **O principal parceiro das entidades gaúchas é** o Ministério da Saúde, com 104 empenhos, seguido do Ministério da Educação, com 75. No âmbito geral, são parcerias com ONGs, sindicatos, associações, hospitais, aeroclubes e fundações universitárias, entre outras entidades sem fins lucrativos. Somente o Centro de Assessoria Multiprofissional, por exemplo, obteve cinco empenhos em quatro ministérios, no total de R\$ 9,3 milhões.

A inclusão das organizações gaúchas na lista não significa que o governo encontrou irregularidades. O congelamento imediato dos convênios foi uma medida de precaução. A decisão foi tomada pela presidente Dilma Rousseff, após as denúncias de que ONGs vinculadas ao PC do B estariam desviando dinheiro para o caixa de campanha do partido. Diante da enxurrada de suspeitas de irregularidades neste tipo de convênios, Dilma determinou a suspensão dos pagamentos por 30 dias. O objetivo é, nesse período, fazer uma varredura nos contratos da União com ONGs em todo o país.

Os ministérios terão até o final do mês para fazer um pente-fino nas parcerias. Para dar conta do volume de convênios, o governo irá montar uma força-tarefa na Esplanada.

Para não paralisar serviços essenciais e evitar eventuais injustiças, a Planalto abriu exceções. Continuam recebendo recursos **os convênios para proteção de pessoas ameaçadas, os contratos referentes ao SUS e as parcerias firmadas pelo governo há pelo menos cinco anos e cujas contas foram aprovadas**.

## TEXTO 4

Exemplo nacional: Dilma propõe Bolsa-Família global. Zero Hora, 04/nov/2011. p. 20

Presidente condiciona seu apoio à criação de uma taxa mundial sobre transações financeiras a programa de renda mínima

Diante dos líderes dos 20 países mais ricos do mundo, a presidente Dilma Rousseff *ofereceu ontem sua receita* para resolver a crise global: a adoção em todo o planeta de uma renda mínima sustentada por uma taxa sobre transações financeiras.

**A fórmula está ancorada** em duas experiências brasileiras – o programa Bolsa-Família e a extinta CPMF, conhecida como imposto do cheque.

*Na prática*, a presidente apoiou ideia da Organização Internacional do Trabalho (OIT) inspirada no fundo global para combater a pobreza sugerido pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2003 em Davos (Suíça).

No almoço com líderes do G-20 em Cannes (França), *a proposta de Dilma sustenta* a tese da OIT de que um piso de renda global “não é filantropia, mas é uma *rede de proteção mundial fundamental para enfrentar a crise e que tem um efeito inequívoco contra a crise*”. Dilma lembrou a experiência do Brasil:

– *A inclusão* de 40 milhões de pessoas na classe média foi não somente um impositivo moral, mas também uma questão de eficiência econômica.

Dilma destacou que a implantação do Bolsa-Família mundial é uma contrapartida para seu apoio à proposta do presidente francês, Nicolas Sarkozy, anfitrião do encontro, que pretende estabelecer uma taxa global sobre operações financeiras. Na Europa, a iniciativa foi apelidada de “Robin Hood tax”. No Brasil, o imposto do cheque foi criado em 1993 e durou até 2006. No último ano de sua existência, a CPMF arrecadou R\$ 32 bilhões.

Banco europeu também corta taxa básica de juro

**Ao menos em um ponto, os europeus já começaram a seguir a política econômica brasileira.** Ontem, sob nova direção, o Banco Central Europeu (BCE) anunciou uma redução do juro básico na zona do euro, de 1,5% para 1,25%. Depois de 65 dias da decisão do Banco Central do Brasil que supreendeu o mercado, é uma tentativa de conter iminente recessão na região.

O corte também era inesperado para boa parte do mercado, mas foi bem recebido pelas bolsas de valores globais. Foi a primeira decisão tomada pelo órgão desde que o italiano Mario Draghi substituiu o francês Jean-Claude Trichet, que encerrou seu mandato na terça-feira.

## TEXTO 5

TREZZI, Humberto. Viagem segura: Força-tarefa para frear acidentes. Zero Hora, 05/nov/2011. p. 36

Polícias estaduais e federal farão blitzes conjuntas em feriados nos 25 pontos com mais mortes nas rodovias gaúchas

Brigada Militar, Comando Rodoviário da BM e Polícia Rodoviária Federal (PRF) vão realizar blitzes conjuntas em 25 pontos críticos de estradas gaúchas nos feriados.

Conforme os próprios comandantes dessas forças policiais, **a iniciativa é inédita no Estado**. As ações terão apoio da Polícia Civil, em casos que envolvam prisões em flagrante.

O objetivo é diminuir o número de acidentes e, conseqüentemente, de mortes no trânsito. A informação foi divulgada ontem pelo vice-governador, Beto Grill, no Palácio Piratini. A estreia da nova tática será no feriado da Proclamação da República, que transcorre entre 12 e 15 de novembro.

Nos últimos cinco anos, de acordo com estudo realizado pelo Departamento Estadual de Trânsito (Detran), morreram 6.843 pessoas em acidentes de trânsito nas estradas do Rio Grande do Sul. Mortandade que cresce, sobretudo, nos feriados prolongados. **O levantamento mostra:** em feriados morrem, em média, 4,7 pessoas por dia. Fora dessas datas, a média cai para 3,9 pessoas/dia. Grill, que viaja hoje para a Europa para conhecer técnicas de redução de mortes no trânsito, ressalta que muitos motoristas que costumam dirigir só em fins de semana se arriscam nas estradas, nos feriados.

**Uma das novidades será** a presença de policiais civis em alguns dos pontos mais mortais. Isso poderá acelerar a formalização de prisões em flagrante, quando elas acontecerem. **Outra inovação é** o trabalho conjunto da PRF, do Comando Rodoviário da BM e da BM. A ideia é que realizem operações de vistoria nos locais mais mortíferos, que, algumas vezes, coincidem com cruzamentos de rodovias federais e estaduais. As blitzes serão feitas próximo a locais de grande tráfego, como o encontro da rodovia Porto Alegre-São Leopoldo (BR-116) com a estrada Sapucaia do Sul-Gravataí (ERS-118), em Sapucaia do Sul. Ou, em Passo Fundo, na confluência dos trechos Passo Fundo-Carazinho (BR-285) e Passo Fundo-Erechim (ERS-135).

Policiais serão deslocados de regiões com pouco tráfego para as de maior movimento. Para evitar conflitos de competência, em uma rodovia federal, por exemplo, a PRF formalizará as multas, e as polícias estaduais contribuirão com equipamentos e pessoal.

Natal e Ano-Novo no calendário das ações

As primeiras blitzes conjuntas ocorrerão no feriado de 15 de novembro. Caso o resultado seja positivo, como é esperado, elas poderão ser retomadas já no Natal e Ano-Novo. A PRF terá 170 patrulheiros nas estradas (o normal é cem) já para o próximo feriado. É provável que o número de agentes não cresça muito, mas as autoridades apostam no efeito dissuasão.

– As polícias vão alterar escalas de trabalho, suspender folgas, estudar técnicas de entrosamento, tudo para mostrar ao motorista que estrada não é brincadeira. Afinal, 45% das mortes ocorrem em finais de semana e feriados – pondera Alessandro Barcellos, presidente do Detran.

O inspetor José Altair Benites, superintendente da PRF no Estado, diz que os agentes serão inclementes na hora de multar.

– Aplicamos 2.344 multas pro embriaguez ao volante ano passado e, neste ano, só até setembro, foram 2.889, o que dá um aumento de 23%. Agiremos com rigor – promete.

## TEXTO 6

GONZATTO, Marcelo. Alvo em potencial: Estudantes na mira do crime. Zero Hora, 06/nov/2011. p. 28-29

Estudantes da capital se transformaram em alvo de roubos praticados nas escolas, quando termina a aula e tem início o caminho de volta para casa.

*A vizinhança de colégios particulares é a área de ação preferida dos assaltantes que veem nos alunos uma maneira rápida e fácil de conseguir dinheiro, roupas de marca e aparelhos eletrônicos como celulares e tocadores e música. Conforme a Polícia Civil, uma das principais razões do cerco aos adolescentes é a busca de recursos para o consumo de drogas como o crack.*

**A estudante do 3º ano do Ensino Médio Paula Scherer, 17 anos,** no final do último ano letivo aprendeu a dura lição que a criminalidade vem impondo ao universo escolar. *Em uma final da tarde, ela saiu do colégio onde estuda, na Zona Norte, e começou a andar em direção à parada de ônibus onde pegaria condução para casa. A caminhada foi interrompida pelo cano de uma arma.*

– Entra nessa rua – ordenou o criminoso, pressionando o revólver na cintura da aluna.

*Ele determinou que a adolescente entregasse a mochila escolar, onde imaginava que se encontravam objetos de valor. Tinha razão: Paula carregava, além de cadernos e livros, um celular e um aparelho de MP3. A adolescente ainda implorou:*

– Deixa eu ficar com os livros, por favor. Tenho prova amanhã.

*O bandido tirou os livros da mochila, mas, antes de sair correndo, arrancou uma corrente de ouro que a vítima trazia no pescoço – presente da família pelo aniversário de 15 anos.*

– Já tinha sabido de outros colegas que foram roubados, mas foi a primeira vez em que eu fui assaltada. Passei a me cuidar mais – afirma a adolescente.

Pequena parcela registra queixa

A repetição de casos como esse não é representada nas estatísticas oficiais porque se estima que apenas uma pequena parcela das vítimas registra queixa. Conforme o delegado Cleber Ferreira, diretor da Delegacia de Polícia Regional de Porto Alegre, a carência de dados fidedignos dificulta a elaboração de investigações mais profundas. A Divisão de Planejamento e Coordenação da Polícia Civil registra 42 “roubos a pedestre escolar” este ano em todo o Estado – dos quais 19 na Capital (45%). Acredita-se, porém, que o número real seja muito superior.

– Muitas vezes, fica sem o registro (de ocorrência). Aí não tem estatística para poder desenvolver um trabalho – avalia Ferreira.

Apesar dessa limitação, o acúmulo de relatos semelhantes feitos nos últimos anos por famílias já colocou em alerta a Federação das Associações de Pais e Mestres das Escolas Particulares do Rio Grande do Sul (Federapars).

– Os estudantes viraram uma opção certa para o meliante, pelo fato de carregarem objetos de valor. É uma coisa contagiosa porque, se está rendendo, só tende a aumentar se não houver formas de coação – sustenta o presidente da Federapars, Richer Kniest.

Caminho rápido para as drogas

Quando criminosos tiram dinheiro, roupas ou aparelhos eletrônicos de adolescentes, **na verdade não estão em busca de dinheiro**, roupas ou equipamentos modernos. Buscam apenas um caminho rápido para a boca de fumo mais próxima, onde entregam o fruto dos roubos em troca de doses de drogas.

Conforme o **delegado Cleber Ferreira, diretor da Delegacia de Polícia Regional de Porto Alegre**, quando o assaltante busca dinheiro ou objetos de valor, quase sempre a intenção do crime é garantir recursos para a compra de tóxicos. O crack é a principal alavanca desse tipo de crime, na avaliação da polícia.

– Depois de assaltar, trocam por maconha, cocaína, mas, principalmente, crack – avalia Ferreira.

Assim, quando se intensifica a fissura pela droga, o assaltante vê o adolescente como uma espécie de “caixa-rápido” para financiar a dependência ao entorpecente. Por essa razão, a **delegada da 17ª Delegacia de Polícia Civil, Shana Luft Hartz**, responsável por uma área onde se localizam alguns estabelecimentos privados da cidade afirma que é fundamental a vítima manter a calma em caso de assalto.

– Nos casos em que o ladrão está sob efeito de droga, pode atirar por qualquer razão. É muito importante ficar tranquilo – observa.

Além do tóxico, outro fator que motiva os ataques aos escolares é o desejo de ostentação de roupas e



acessórios da moda. Nesse caso, é mais comum o roubo de peças de vestuário, tênis e artigos como bonés e relógios para serem usados pelos próprios assaltantes. Na maior parte das vezes, **quem comete esse tipo de ação é mais jovem e pode agir em conjunto com outros comparsas**, em uma espécie de arrastão.

**Para reduzir o risco de se transformar em vítima desses tipos de ataque**, os policiais orientam os alunos a não andar com objetos de valor à mostra, evitar comportamentos como falar ao celular enquanto caminham ou andar sozinhos por áreas remotas ou mal iluminadas.

Jovem foi assaltada na parada de ônibus

*Nem mesmo a luz do sol ou a presença de outras pessoas livra estudantes do cerco dos criminosos. A **estudante Bruna, 19 anos** (prefere não ser identificada por sobrenome ou foto), é uma testemunha da ousadia dos bandidos que agem nas proximidades dos colégios.*

*Por volta das 17h de um dia de aula, ainda com a roupa de educação física, recém-concluída e mochila às costas, ela imaginava estar segura em uma parada de ônibus da Avenida Assis Brasil onde havia pelo menos uma dezena de outras pessoas. Atraído pelo perfil da vítima – mulher, adolescente, recém-saída do colégio –, um homem jovem se aproximou e perguntou se ela tinha algum dinheiro para dar a fim de que ele pudesse voltar para casa.*

– Ingentuamente, eu falei que não tinha nem R\$1, mas que, se tivesse, daria com certeza – conta Bruna.

*Quando se deu conta, um segundo homem aparentando 20 e poucos anos se uniu ao primeiro e apontou um revólver para a cintura da aluna do 3º ano de uma escola particular. O primeiro rapaz anunciou o assalto e ordenou que ela entregasse todo o dinheiro que tinha sem manifestar qualquer tipo de reação. Como realmente não tinha dinheiro, ela ofereceu que levassem a mochila – o que não foi aceito.*

*A dupla então determinou que a jovem embarcasse em um ônibus com eles. Bruna disse que não iria, o que levou os criminosos a se contentarem em levar um telefone celular e um aparelho MP4 que se encontravam dentro da mochila da escola. Os dois mandaram que ela permanecesse imóvel, sem chorar ou gritar, enquanto eles pegaram o primeiro ônibus e foram embora.*

– Eles disseram que se eu chorasse ou demonstrasse qualquer reação, iriam atirar em mim de dentro do ônibus mesmo – recorda a vítima.

*Quando os bandidos enfim partiram, ela ao menos pôde cair no choro. Aí teve uma segunda surpresa: nenhuma das pessoas que estavam na parada e perceberam o ataque à adolescente se aproximou para prestar qualquer auxílio. Em prantos, esperou outro ônibus e se refugiou na casa da avó:*

– Eu chorava bastante e ninguém me ajudou. Não cheguei a ficar traumatizada, mas hoje tomo muito mais cuidado.

## TEXTO 7

GONZATTO, Marcelo. Geografia do crack: Um flagelo que se alastra pelo RS. Zero Hora, 07/nov/2011. p. 6

**Um levantamento inédito a ser divulgado hoje** pela Confederação Nacional de Municípios (CNM) indica que o consumo de crack já assola nove entre 10 cidades no Rio Grande do Sul.

As respostas a um questionário sobre o impacto da droga no Brasil **revelam** que 405 das 452 prefeituras gaúchas participantes do estudo registram o vício da pedra entre seus habitantes – um índice de 89,6%. O estudo também **avalia o impacto da dependência** sobre áreas como a educação e a segurança pública em todas as regiões do país.

**A pesquisa, que será apresentada às 14h30min, na Câmara dos Deputados, em Brasília, demonstra** que a droga se universalizou no Estado. Conforme a assessoria técnica no CNM, que no ano passado começou a coletar informações sobre a epidemia tóxica ao lançar o chamado Observatório do Crack, esse é um trabalho mais detalhado em relação a outras iniciativas anteriores.

Até ontem, com base em dados do ano passado, o mapa disponível no site da entidade informava que 377 municípios gaúchos haviam percebido de alguma forma a presença do crack em seu território – mas não especificava se as ocorrências envolviam consumo, tráfico, rota de passagem ou alguma outra modalidade. A partir de hoje, a geografia do entorpecente **ganhará contornos novos e mais precisos**.

Além de determinar que 405 cidades já registraram o consumo da pedra por meio de serviço municipal como o atendimento em unidades de saúde, a pesquisa informa que em 390 municípios há a circulação dessa e de outras drogas por meio do tráfico.

– Essas informações são alarmantes. Não há parte onde o crack não esteja sendo consumido. *Não queremos empurrar o problema para ninguém, mas os governos estaduais e federal deveriam olhar para isso com mais cuidado, porque na situação atual são os municípios que acabam enfrentando o caos nos serviços de saúde* – afirma o presidente da CNM, o gaúcho Paulo Ziulkoski.

**Relatório mostra** que prefeituras têm problemas na área da saúde

O questionário respondido pelas prefeituras também **investiga** o grau de dependência da população. De acordo com a percepção das autoridades gaúchas, em 242 municípios ele foi descrito como “médio” ou “alto”. O psicólogo Lucas Neiva-Silva, professor da Universidade Federal do Rio Grande e especialista na área de dependência química, **afirma que os números condizem com o que tem visto pelo Estado**:

– Municípios grandes, pequenos, todos relatam dificuldades para lidar com o crack.

O trabalho completo deverá oferecer informações sobre o impacto do crack em áreas e escassez de infraestrutura nos municípios **para fazer frente à escalada da pedra**. Com base nas respostas enviadas por mais de 4,4 mil prefeituras de todo o país, **o relatório mostrará** que 63,7% delas enfrentam problemas na área da saúde devido à sobrecarga provocada pelo vício da droga.

Em relação à violência urbana, praticamente seis em cada 10 cidades brasileiras apontam transtornos causados diretamente pelo crack – a exemplo de furtos e roubos cometidos para financiar a compra da substância. Um capítulo especial também deverá ser dedicado à relação entre o crack e a situação vivida em escolas do país corroídas pelo consumo do entorpecente, pela presença de traficantes e até de alunos armados.

## TEXTO 8

Polêmica sem fim: Concessionárias propõem prorrogação de pedágios. Zero Hora, 08/nov/2011. p. 26

Sugestão é de redução na tarifa de R\$ 6,70 para R\$ 4,40 em três polos

**Apesar de** o grupo que discute os pedágios no Conselho de Tarso Genro ter recomendado a extinção dos atuais contratos em 2013, as concessionárias estão trabalhando pela prorrogação.

Ontem, o consórcio Univias que opera os polos rodoviários Metropolitano, de Caxias do Sul e de Lajeado, apresentou formalmente uma proposta de extensão dos contratos até 2024.

A proposta do Univias – responsável pela administração de 1.053 quilômetros de estradas gaúchas – inclui redução das tarifas (de R\$ 6,70 para R\$ 4,40 nos três polos), uma série de novas obras e a exclusão da praça de Farroupilha, na rodovia Farroupilha-Caxias do Sul (ERS-122), na Serra. Seria a forma de quitar o desequilíbrio econômico financeiro que, na visão das concessionárias, precisa ser resolvido para viabilizar uma nova licitação em 2013.

O consórcio apresentou seu novo plano à câmara temática do Conselho que debate o tema dos pedágios. Conselheiros que haviam se posicionado, dias atrás, pela extinção dos contratos nem sequer queriam ouvir o advogado Ricardo Breier, representante do Univias – **mas** o secretário executivo do órgão, Marcelo Danéris, argumentou que seria democrático ouvir as concessionárias.

Empresas de pedágio alegam prejuízo de R\$ 1,25 bilhão

Ficou acertado que o relatório da câmara temática, contrário à prorrogação, não será alterado. Mas a proposta do Univias entrará como uma espécie de apêndice para a avaliação do governo. O secretário adjunto de Infraestrutura, Claudemir Bragagnolo, afirmou que o Piratini ainda não tem uma posição sobre o assunto:

– Há uma série de dados para analisar. Não há como analisá-los de uma hora pra outra.

O relatório aprovado pelo Conselho no fim de outubro, além de pedir a extinção dos contratos, recomenda que o lucro direto das concessionárias (a chamada taxa de retorno) fosse reduzido em um futuro edital de licitação – a intenção é que sobre mais dinheiro para investimentos em rodovias. *Líderes do governo torceram o nariz* porque, na proposta do Univias, não teria ficado clara esta questão.

– A proposta soa estranha. Eles prometem fechar a praça de Farroupilha, reduzir tarifas, ampliar investimentos, mas historicamente reclamam que têm prejuízos e dinheiro pra receber. Como é que essa conta fecha? – questiona um membro do alto escalão do Piratini.

Há anos, as concessionárias alegam um desequilíbrio de R\$ 1,25 bilhão. Elas teriam sido prejudicadas por suspensões de cobranças de pedágio provocadas por decisões judiciais, insenções tarifárias, não abertura de praças previstas em contratos, entre outros 12 itens elencados pelas empresas.

## TEXTO 9

Perto da bomba: Agência da ONU admite Irã atômico. Zero Hora, 09/nov/2011. p. 26

EUA devem aumentar sanções diplomáticas ao país após o relatório sobre programa nuclear.

Finalmente revelado, o relatório da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) – que motivou uma série de polêmicas antes mesmo de sua divulgação – **confirmou ontem**: desde 2003 o Irã tem trabalhado sistematicamente para fabricar armas nucleares.

Em meio à tensão e à nova onda de especulações sobre um possível ataque de Israel às instalações nucleares do Irã, **o documento é a prova** que os Estados Unidos e Israel esperavam para aumentar ainda mais a pressão sobre *o país dos aiatolás*.

Os EUA anunciaram que podem aumentar o escopo das sanções contra o país, atualmente focadas nos setores de gás e petróleo.

– Eu acho que veremos um aumento das sanções bilaterais – disse uma autoridade americana sob condição de anonimato.

O chefe da diplomacia israelense Avigdor Lieberman, entrevistado pelo jornal Maariv, exigiu que a comunidade internacional aplique sanções internacionais “severas e incapacitantes” ao *país dos aiatolás*, enquanto Washington disse que estudará o relatório antes de se pronunciar.

A análise da agência das Nações Unidas diz haver informações “críveis” que indicam que o “Irã pôs em prática atividades destinadas ao desenvolvimento de um dispositivo explosivo nuclear”. Embora não afirme categoricamente que Teerã já possua a bomba nuclear, *o documento cita repetidamente* que **o país vem dominando** cada vez mais a tecnologia para a fabricação deste tipo de armamento. A ajuda de um cientista russo *teria sido* essencial para o desenvolvimento das tecnologias. Para a AIEA, os resultados do relatório causam “sérias preocupações” quanto a “*uma possível dimensão militar*” do programa nuclear iraniano. Em 2002, **um dissidente iraniano revelou** publicamente a existência de duas centrais nucleares em construção no país, sem o conhecimento da agência da ONU.

Autoridades iranianas defendem seus programas

O chefe da diplomacia iraniana, Ali Akbar Salehi, **atacou o relatório**, horas antes da divulgação:

– O Ocidente e os EUA exercem uma pressão sobre o Irã sem argumentos sérios nem provas. Nós sempre repetimos que não queremos fabricar armas nucleares. Nossa posição sempre foi de utilizar o programa nuclear para fins pacíficos.

O presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad, também se antecipou ao anúncio da AIEA e disse que o país não precisa da bomba atômica para enfrentar Washington e seus aliados.

– Podemos alcançar nossos objetivos usando o pensamento, a cultura e a lógica. Se os Estados Unidos querem fazer frente à nação iraniana, vão se arrepender com a nossa resposta.

## TEXTO 10

Tolerância zero: Projeto amplia rigor da Lei Seca. Zero Hora, 10/nov/2011. p. 40

Comissão do Senado aprovou ontem proposta que torna crime dirigir depois de beber e aumenta penas a motorista infrator

A Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado aprovou ontem um projeto que torna a Lei Seca mais rigorosa ao aumentar as penas e ampliar o leque de provas contra o motorista que dirige embriagado.

O texto também prevê punição a quem dirigir após ter bebido qualquer quantidade de álcool. **Hoje**, segundo a lei, o motorista só responde a processo criminal se estiver com uma taxa de álcool no sangue superior a 0,3 miligramas por litro de ar expelido.

Se o projeto virar lei, o condutor poderá ser preso por dirigir sob a influência de álcool mesmo sem ter causado acidente. Para provar a embriaguez ao volante, bastarão o testemunho de agentes de trânsito, imagens de vídeo ou fotografias. Processado, o motorista poderá ser condenado a uma pena de seis meses a três anos de prisão por ter dirigido seu veículo após ingestão de bebida alcóolica.

A punição aumenta para até 16 anos de prisão para os casos em que houver morte, além de multa e suspensão ou proibição do direito de dirigir. O diretor-presidente da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC), Vanderlei Cappellari, apoia a aprovação.

– A gente tem intensificado as nossas ações, mas a punição ainda é insuficiente. Uma legislação forte acaba protegendo mais as pessoas – **avaliou**.

Entre janeiro e setembro de 2011, 11.076 condutores foram multados por dirigirem embriagados no Estado. O número é o maior da série histórica do Departamento Estadual de Trânsito (Detran), apurada desde 2005.

**De autoria do senador Ricardo Ferraço (PMDB-ES)**, o projeto foi aprovado em caráter terminativo e, se não receber recurso em cinco dias para ser votado pelo plenário, segue para a Câmara. Depois de votado pelos deputados, volta ao Senado e segue para sanção presidencial. A previsão é de que, se aprovada, a lei passe a vigorar no ano que vem.

Tolerância zero gera discussão entre senadores

Senadores dizem que a aprovação do projeto de lei instituiria a “política do álcool zero”, **mas alguns parlamentares questionam essa interpretação**. A senadora Marta Suplicy (PT-SP) criticou o fato de o texto prever punição no caso de “qualquer concentração de álcool ou substância psicoativa” no sangue:

– E se eu comer um bombom com licor, como fica? – argumentou.

O líder do DEM, Demóstenes Torres (GO), apresentou uma emenda retirando a expressão “qualquer”. Segundo ele, a palavra era um capricho.

**O presidente da CCJ, Eunício Oliveira (PMDB-CE), disse que a proposta mantém o limite atual, de seis decigramas de álcool por litro de sangue, porque ele é definido pelo artigo 306 do Código de Trânsito Brasileiro. Para modificá-lo seria necessário, primeiro, alterar o texto do código.**

Regras atuais deixam brecha para impunidade

A Lei Seca passou a valer em 2008, com pena prevista de seis meses a três anos de detenção ao motorista flagrado com seis decigramas de álcool por litro de sangue (no bafômetro, é o equivalente a 0,3 miligramas de álcool por litro de ar expelido dos pulmões, algo como dois chopes).

Como a prova aceita seria somente o resultado do bafômetro, a negação em usar o aparelho acabou gerando impunidade. No primeiro ano da lei no Estado, 94,5% dos motoristas que se recusaram a fazer o teste do bafômetro acabaram sendo absolvidos.

No começo de 2011, as blitzes Balada Segura, promovidas pelo Detran e pela Brigada Militar, instauraram o teste obrigatório do bafômetro. Ao se recusar, o condutor passou a ter o carro apreendido. Quem aceitasse o teste e o resultado apontasse índice acima do permitido, poderia entregar o carro a outra pessoa.

No início deste mês, o Supremo Tribunal Federal (STF) **tomou uma decisão que balizaria novas sentenças e serviria de apoio ao projeto de lei** aprovado ontem pela CCJ. Os magistrados definiram que dirigir bêbado, mesmo sem causar acidente, é crime, ao julgar um habeas corpus em favor de um motorista de Araxá (MG).

## TEXTO 11

MATTOS, Kelly. Margem para investir: RS recebe aval para buscar empréstimos. Zero Hora, 11/nov/2011. p. 14

Piratini planeja assinar cinco operações no valor total de R\$ 1,4 bilhão

Diante do aval do Planalto para ampliar a capacidade de endividamento dos Estados, o Piratini buscará R\$ 1,4 bilhão para deslançar novos projetos.

**Serão cinco novos empréstimos** pleiteados no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), no BNDES e na Caixa Econômica Federal.

De acordo com o governador Tarso Genro, a autorização assinada ontem pela presidente Dilma Rousseff permite investimentos especialmente na área de infraestrutura:

– São financiamentos de longo prazo, com juros, convenientes e que são extremamente importantes para Estados que querem investir.

O maior empréstimo será solicitado ao BNDES, de R\$ 450 milhões. Com o dinheiro, o Piratini pretende ampliar áreas industriais, incentivar procedimento de alta tecnologia no setor produtivo, promover a conquista de novos mercados e iniciar obras na malha rodoviária e em aeroportos regionais.

O governo precisa ainda elaborar os projetos que serão apresentados às instituições de crédito. *A estimativa do governador é de* que as primeiras propostas sejam apresentadas em janeiro de 2012. Atualmente, o Estado já está em busca de R\$ 2,3 bilhões junto ao Banco Mundial e ao BNDES.

– **Há duas décadas** o Estado não fazia operações de crédito deste porte. Os recursos *trazem uma nova perspectiva* de desenvolvimento, com sustentabilidade e distribuição de renda para o Rio Grande do Sul – comemora o secretário da Fazenda, Odir Tonollier.

Além do Rio Grande do Sul, também foram beneficiados Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Maranhão e Alagoas. Segundo o ministro da Fazenda, Guido Mantega, serão R\$ 37 bilhões em crédito fiscal extra para investimentos, considerando outros 10 Estados que já haviam assinado a medida.

Dados da Secretaria do Tesouro Nacional apontam que **o Rio Grande do Sul é um dos Estados com mais baixos índices de investimento**. Em 2009, o percentual de investimentos foi de 3,83% da receita líquida real, **em contraste com** uma média nacional de 15,1%.

Tarso também esteve no Ministério dos Transportes para assinar o termo que estabelece a gestão compartilhada de 1,6 mil quilômetros de estradas pedagiadas no Rio Grande do Sul. Até o fim deste mês, o Piratini pretende lançar um edital de licitação para contratar uma empresa de engenharia, que será responsável por apontar o formato mais adequado. Os contratos atuais se encerram em dezembro de 2013.

## TEXTO 12

Com chancela: Fifa publica lista de hotéis para Copa 2014. Zero Hora, 12/nov/2011. p. 16

Rio Grande do Sul abriga 91 dos quase 700 mil estabelecimentos incluídos na relação em todo o país

Cerca de 700 hotéis brasileiros ganharam chancela da Fifa para receber turistas para a Copa do Mundo 2014. **Do total, 91 ficam no Rio Grande do Sul. No Estado, 31 estão em Porto Alegre, 50 na Serra, e os demais se distribuem por Região Metropolitana, Litoral e Interior.**

Líderes do setor hoteleiro gaúcho *foram surpreendidos* pela publicação da listagem, mas consideram importante para os estabelecimentos incluídos, por ser uma espécie de chancela da entidade esportiva.

*É preciso um pouco de paciência* para verificar a lista, que está organizada em diferentes critérios como nome do hotel, número de estrelas, distância do aeroporto, distância da cidade e, em ordem alfabética, cidades. Conforme Ricardo Ritter, **empresário do setor e ligado a entidades do setor de turismo**, a lista estava em elaboração pela empresa britânica Match Hospitality, controlada pela Fifa para essa finalidade, desde antes de Porto Alegre ter sido confirmada como cidade-sede.

– Essa lista representa uma forma de chancela em termos de qualidade de hospedagem, que dá mais segurança ao turista, especialmente ao estrangeiro – resumiu Ritter.

Além de assegurar um certo padrão, **o objetivo da lista, detalhou Ritter, é garantir** a disponibilidade das vagas em cada cidade e assegurar o padrão das tarifas orientado pela Fifa. Nos hotéis listados, devem ter prioridade o staff da Fifa, imprensa e patrocinadores, completa Ritter.

Conforme José de Jesus Santos, presidente do Sindicato da Hotelaria e Gastronomia de Porto Alegre, a Capital tem mais de cem hotéis de turismo, com 14 mil vagas. Até 2014, o número de leitos deve subir para 21,5 mil, porque há quatro empreendimentos em construção e outros 16 em projeto. A lista está disponível no site <http://hotels.fifa.com/?language-pt>.

## TEXTO 13

AMORIM, Francisco. Cerco ao tráfico: Década de maior repressão. Zero Hora, 13/nov/2011. p. 4

Ao eleger o **tráfico de drogas como principal crime a ser combatido**, as forças policiais gaúchas alcançaram em 2011 **a maior média diária de prisões de traficantes dos últimos 10 anos no Estado**.

Se o ritmo de janeiro a outubro for mantido, mais de 8 mil traficantes devem parar na cadeia até o final do ano, cerca de 48% deles capturados em municípios das regiões Metropolitana e Serra às margens da rodovia Porto Alegre-Caxias do Sul (BR-116). Os números já apontam para a maior média diária de prisões desde 2002.

Diariamente, 23 pessoas são presas por suposto envolvimento com entorpecentes, segundo dados da Secretaria de Segurança Pública. **O número é 15,6% maior do que o registrado em 2010 e 427,6% superior ao de 2002. Por trás da marca estariam as ações integradas entre polícias Civil e Militar**, algumas vezes em parceiras com coporações federais como Exército, Polícia Federal e Polícia Rodoviária Federal (PRF).

– O trabalho integrado se mostra mais proveitoso, pois somam-se não apenas efetivo, como informações – afirma o secretário da Segurança Pública, Airton Michels.

Além das prisões, o Estado chegou ao **maior volume de apreensões de entorpecentes dos últimos cinco anos** (não há dados oficiais disponíveis anteriores a 2007). Números parciais de setembro indicam que mais de 10,5 toneladas de maconha, por exemplo, foram apreendidas no Estado, somadas ações das polícias Militar, Civil e Federal. **O volume é 278,8% maior do que o registrado em todo o ano passado**. Médias mensais apontam que devem ser superadas as marcas dos anos anteriores em relação ao crack e à maconha.

– A Brigada é uma polícia de rua, recebe muitas informações que são compartilhadas com outras corporações. Muitas vezes, a prisão do traficante de uma pequena boca de fumo nos dá informações sobre seu distribuidor. Esse tipo de informação é que tem levado a apreensões maiores – explica o comandante-geral da Brigada Militar, coronel Sérgio de Abreu.

As drogas como um problema social

O oficial cita como exemplo uma das maiores ações do ano, em 26 de junho, na rodovia Tabai-Canoas (BR-386), em Montenegro. Após o serviço de inteligência do Comando de Policiamento Metropolitano receber a informação de que dois carros viriam do Paraguai para Canoas com maconha, uma operação foi montada às pressas com apoio da PRF, levando à prisão de um casal com 1,2 tonelada.

**Especialistas e as autoridades policiais envolvidas no combate ao narcotráfico, no entanto, alertam para outro fenômeno revelado pelos números:** a penetração deste crime no Estado, em especial na Região Metropolitana e na Serra, que têm sete de seus municípios nas primeiras 10 posições do ranking de autuações de traficantes.

Para o professor de Direito Penal da Pontifícia Universidade Católica (PUCRS) Rafael Canterji, da constatação de que o tráfico se enraizou na periferia de grandes cidades, onde o consumo de drogas é maior, surge uma segunda preocupação:

– É preciso políticas criminais, que não são apenas penais-repressivas, que vejam a questão como um problema social de saúde pública.

A crítica parece estar em consonância com os planos do governo do Estado, que começa a investir em versões gaúchas das Unidades de Polícia Pacificadoras (UPPs) cariocas e dos Territórios da Paz criados com recursos do governo federal. O especialista também é cauteloso quanto aos resultados da ação repressiva.

– Não se pode fazer juízo de eficácia (em relação ao aumento do número de prisões), até porque as práticas criminosas prosseguem crescentemente – ressaltou.

Às vésperas do verão, a guerra entre traficantes e policiais promete migrar para as areias do Litoral. Agentes do Departamento Estadual de Repressão ao Narcotráfico (Denarc) **se preparam para atuar nas praias gaúchas a partir de novembro**, quando quadrilhas da Grande Porto Alegre *começam a irrigar com drogas* grupo menores sediados na orla.

– Estamos montando uma base em Imbé. Não podemos baixar a guarda – destaca o delegado Heliomar Franco, que coordena as quatro delegacias do departamento especializado.



## TEXTO 14

COSTA, José Luis. Descontrole nas cidades: Crescem apreensões de celulares dentro da Pasc. Zero Hora, 14/nov/2011. p. 31

Deficiências na segurança forçam Justiça a transferir presos perigosos para penitenciárias federais.

Considerada **a cadeia mais bem guarnecida do Estado**, a Penitenciária de Alta Segurança de Charquedas (Pasc) não consegue se livrar da pecha de escritório do crime organizado.

O ano ainda não acabou e o número de celulares recolhidos até outubro **é 25,4% maior do que em 2010**.

Deficiências na Pasc permitem a apenados usarem os aparelhos como arma para comandar execuções, assaltos e tráfico, forçando a Justiça a transferir os mais perigosos para penitenciárias federais por pelo menos um ano. Desde 2009, ao menos cinco bandidos foram removidos para outros Estados devido às carências da Pasc em barrar a comunicação de presos. As transferências geram custos adicionais ao Estado. À medida que ocorrem audiências ou julgamentos desses presos, é preciso bancar viagens e mobilizar escolta.

Em proporção ao número de apenados, a quantidade de celulares apreendidos na Pasc *é semelhante à* recolhida no Presídio Central de Porto Alegre, **a mais conflagrada cadeia gaúcha**, com 4,6 mil detentos. Segundo levantamento da Justiça, a imensa maioria dos aparelhos apreendida na Pasc estava com **presos considerados os mais perigosos do Estado**. Enquanto foram pegos 71 aparelhos com detentos, a vigilância reteve com visitantes apenas oito celulares em abordagens de rotina antes do ingresso na prisão (confira no gráfico). A estatística indica existir uma falha no controle de acesso de celulares, pois a Pasc tem **o mais moderno detector de metais existente nas prisões gaúchas**.

A situação é preocupante porque, na teoria, a Pasc seria mais fácil de vigiar do que outras cadeias. Na há superlotação, e o número de agentes é de um para cada dois presos. Além disso, é quase impossível o arremesso de celulares para os pátios internos, como ocorre em outras prisões. A Pasc está situada em uma área rural, rodeada de campo, e fechada com dois muros – de quatro a cinco metros de altura – intercalados por três cercas de arame farpado.

Quando flagrados com os aparelhos, os presos têm conseguido escapar das punições previstas pela Lei Federal 12.012, sancionada em agosto de 2009, justamente para tentar acabar com a farra dos celulares nos presídios.

## TEXTO 15

GONZATTO, Marcelo. Preço da ressocialização: Infrator custa R\$ 9,4 mil ao mês. Zero Hora, 15/nov/2011. p. 19.

**Apesar do investimento alto do Estado**, 42% dos internos reincidem em atos infracionais e regressam à Fase no prazo de um ano

O dinheiro investido para ressocializar adolescentes da Fundação de Atendimento Socioeducativo (Fase) soma R\$ 9,4 mil por mês para cada interno – o equivalente a 17 salários mínimos nacionais.

**Apesar da aplicação desse recurso**, quatro em cada 10 egressos reincidem em atos infracionais e retornam para a instituição em apenas um ano. Problemas como falta de pessoal e instalações inadequadas contribuem para reduzir a chance de recuperação.

Tomando-se por base o orçamento geral da instituição dividido pelo número de internos, nos últimos três anos o valor médio necessário para atender mensalmente a um adolescente infrator passou de R\$ 7,4 mil para R\$ 9,4 mil atuais – 27% a mais. **No mesmo período, a inflação acumulada ficou em pouco mais de 17%.**

O restante pode ser explicado, conforme o diretor administrativo da Fase, Marcelo Machado, por conquistas salariais dos servidores e pela progressiva redução no número de internos. O número de adolescentes caiu de 1,2 mil, em 2008, para 950, graças, sobretudo, à procura de punições alternativas que deixam a privação de liberdade como último recurso.

– Como o orçamento se mantém e temos menos adolescentes, o custo por interno fica maior – diz Marcelo.

Para a administração do órgão, o orçamento não deveria ter acompanhado a tendência de queda verificada entre a população abrigada. Segundo a presidente da instituição, Joelza Andrade Pires, a verba para a Fase poderia ser ainda maior dada a carência de pelo menos 400 servidores e a necessidade de mais investimentos em reformas nas unidades, a fim de garantir a qualidade de atendimento.

Em postagens no Twitter, o **consultor em Segurança Marcos Rolim** criticou o valor aplicado por adolescente em comparação à precariedade do atendimento. Rolim utilizou como referência um custo de R\$ 7 mil por interno, o que inclui apenas investimentos diretos nas unidades e não leva em conta todo o orçamento da Fase:

– Não critico o valor em si, mas a qualidade do serviço que se monta com esse custo.

Para efeito de comparação, o custo de um detendo no Estado é de R\$ 765 por mês. **Mas não há gasto com educadores, psicólogos, atendimento em saúde e outros serviços de apoio.**

## ANEXO II

Classificação isotópica das imagens, reprodução parcial do quadro utilizado como referência para a mitocrítica realizada nesse trabalho (DURAND, 1997).

Estruturas	ESQUIZOMORFAS (ou heróicas) 1ª Idealização e "reco" autístico. 2º diairetismo ( <i>Spaltung</i> ). 3ª geometrismo, simetria, gigantismo. 4ª antítese polêmica.	SINTÉTICAS (ou dramáticas) 1ª <i>coincidentia "oppositorum"</i> e sistematização 2ª dialética dos antagonistas, dramatização	MÍSTICAS (ou antifrásicas) 1ª redobramento e perseveração 2ª viscosidade, adesividade antifrásica 3ª realismo sensorial 4ª miniaturização (Gulliver)
	Princípios de explicação e de justificação ou lógicos	Representação objetivamente heterogeneizante (antítese) e subjetivamente homogeneizante (autismo). Os Princípios de EXCLUSÃO, de CONTRADIÇÃO e de IDENTIDADE funcionam plenamente.	Representação objetivamente homogeneizante (perseveração) e subjetivamente heterogeneizante (esforço antifrásico). Os princípios de ANALOGIA e SIMILITUDE atuam plenamente.
Reflexos dominantes	Dominante POSTURAL com seus derivados <i>manuais</i> e o adjuvante das sensações à distância (vista, audiofonação).	Dominante COPULATIVA com seus derivados motores <i>rítmicos</i> e os seus adjuvantes sensoriais (quinesésicos, músico-rítmicos, etc.)	Dominante DIGESTIVA com seus adjuvantes <i>cenestésicos</i> , <i>térmicos</i> e os seus derivados <i>táteis</i> , <i>olfativos</i> , <i>gustativos</i> .
	Esquemas "verbais"	DISTINGUIR	CONFUNDIR
Arquétipos "atributos"	Separar ≠ Misturar	Amadurecer, progredir	Descer, possuir, penetrar
	Puro ≠ Maculado Claro ≠ Escuro	Para a frente, Futuro	Para trás, Passado
Arquétipos "substantivos"	A Luz ≠ As Trevas O Ar ≠ O Miasma A Arma Heróica ≠ A Atadura O Batismo ≠ A Mancha	O Fogo-chama. O Filho. A Árvore. O Germe.	O Microcosmo. A criança, o Polegar. O Animal <i>gigogne</i> . Mulher. O Alimento. A Mãe. O Recipiente. Substância.
	A Escala, de mão, A Escada, O Campanário, A Águia, A Calhandra, A Pombo, Júpiter, etc.	O Calendário, A Aritmologia, a Tríade, a Tétrade, a Astrobiologia.	O Ventre. Engolidores e Engolidos, Kobolds, Dáctilos, Osíris, As Tintas, As Pedras Preciosas, Melusina, O Véu, O Manto, A Taça, O Caldeirão, etc.
Dos Símbolos aos Sistemas	O Sol, O Azul, O Olho do Pai, As Runas, O Mantra, As Armas, A Vedação, A Circuncisão, A Tonsura, etc.	A Iniciação, O "Duas-vezes nascido", A Orgia, O Messias, A Pedra Filosofal, A Música, etc.	A Tumba, O Berço, A Crisálida, A Ilha, A Caverna, A Mandala, A Barca, O Saco, O Ovo, O Leite, O Mel, O Vinho, O Ouro, etc.